

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"

publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 2

1917/943
ANO III

Notícia sobre José do Patrocínio

João Carlos do Patrocínio nasceu em Campos, Província de Rio de Janeiro, em 8 de outubro de 1831. Era filho natural de João Carlos Monteiro, da paróquia, e de Maria Izabela de Moraes. Seu pai era um advogado de nome e de go. n. e. l. - Capela Imperial. A mãe era filha "susma", uma filha que pela manhã levava frutas e leite para a casa da mãe, depois de meia hora de sua caminhada, acenando com a mão.

Quando ainda registava-se em sua casa, em Campos, com o nome de José do Patrocínio, já, a sua mãe, a senhora Maria Izabela, fundou a Associação Abolicionista de Campos, por meio da qual, em 1848, fundou a Associação da Lagoa de Campos, em um bairro conhecido de hoje por São João. Este bairro é hoje o bairro de São João. Este bairro é hoje o bairro de São João.

co Vilanova residia em São Paulo, e era filho de dona Henriqueta, encantadora senhora, casada em segundas núpcias com o capitão Emílio Rosa Sena. Fuido o jantar, levou o rapaz a conversar com o amigo, o Henrique e as demais pessoas da casa, e quando pretendia retirar-se verificou que já era muito tarde. Como não houvesse honde para voltar à cidade, aceitou o convite, que todos insistentemente lhe faziam, para que dormisse em São Cristóvão. Quando entrou no quarto que lhe era destinado, teve uma surpresa: ali se encontravam os seus móveis, a sua mala, os seus livros! Sem que ele soubesse, Vilanova havia feito a sua mudança!

O capitão Sena, para que Patrocínio pudesse aceitar sem constrangimento a hospedagem que lhe era assim oferecida, propôs-lhe então um negócio: ele ficaria residindo em sua casa, e como pagamento locaria aos seus filhos. Patrocínio aceitou a proposta, começou a ganhar 100\$000 por mês — e a ensinar primeiras letras a dois netinhos e a três meninas. Dadas as condições de trabalho, Patrocínio estava em breve apaixonado sendo que a correspondência a sua grande afeto que havia de pertado no coração do professor.

Já a esse tempo Patrocínio estava iniciando sua carreira de jornalista. Entrara na "Gazeta de Notícias". Sua carreira maravilhosa começa a aparecer.

O capitão Sena era um homem de ardorosas convicções anti-monarquistas e em sua residência funcionava o "Clube Republicano", do qual faziam parte Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Pardal Malhot e outros. Quando informado, porém, dos amores de sua filha com o negro — amores esses que encontravam a maior simpatia por parte de Henriqueta — o capitão Sena sentiu-se revoltado. Parecia-lhe um disparate aquilo. Nessa dificuldade, Patrocínio obteve uma intercessão de Ferreira de Araújo em seu favor. Afinal, Patrocínio e Bibi se casaram. Contou-se que, no dia do casamento, a emoção dele foi tão profunda que, tendo de ir dormir na casa que para sua lua de mel alugara, ele entregara a chave ao filho de Paulo Ney, com medo de esquecer-lhe! Quem a esqueceu, porém, foi o próprio Ney! E, sem maneira de abrir a porta e casa, tiveram Patrocínio e Bibi que regressar ao lar dos pais da moça, para não terem que passar a noite ao relento.

Patrocínio está feliz, e o vemos, nessa época, em plena atividade intelectual. Começa, com Dermeval da Foz, a publicar os "Ferreiros", o quinzenário que sai de 1 de junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números. Os dois colaboradores se assina-ram — "Notus Ferrão" e "Eurus Ferrão".

Dois anos depois, temo-lo na "Gazeta de Notícias", levado por Ferreira de Araújo. Está a seu cargo a "Gazeta Métrica" e, também, está a seu cargo a

"Semana Parlamentar" (sendo que a última ele se assina "Paulinho").

Em 1879, inicia a campanha pela Abolição, em rodapé da "Gazeta de Notícias". Em torno dele forma-se um grande círculo de jornalistas e de oradores. Ferreira de Menezes, na "Gazeta da Tarde", o acompanha. Acompanham-no as comissões de redação da Associação Central Ligeira-pagora, entre os quais se notam homens como Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino de Amaral, Ladislau Netto, Ferreira de Menezes, Ernesto Sena, João Clapp, Tio o- to Sampião, Paula Ney. Ele começou a tomar parte nos trabalhos dessa associação em 1880.

Em 1881, passa para a "Gazeta da Tarde", substituindo Ferreira de Menezes, que havia morrido. Diz-se que, para que ele pudesse obter esse cargo, o seu sogro, capitão Sena, pôs a sua disposição a quantia de 15 contos, com a qual ele comprou a "Gazeta da Tarde".

Patrocínio tinha atingido, nesse momento, a grande fase de seu talento e de sua atuação social. Funda a Associação Abolicionista e lhe redige e mantém o que é também assinado por André R. Bouças e Aristides Lobo. Torna como ditadas estas palavras: — "A escravidão é um roubo".

Em 1882 vai ao Ceará, levado por Paula Ney, e ali é cercado de todas as homenagens. Dois anos depois volta em Paris, como quando a "Terra da Luz", como próprio batizara o Ceará, faz a emancipação completa dos escravos. Patrocínio dirige-se a Vitor Hugo, e dele obtém uma página de ardente aplauso à gente da província que assim libertava seus escravos.

Em 1885, visita Campos, e é ali saudado como um triunfador. Regressando ao Rio, traz a velha mãe, doente e aquebrada, que pouco tempo mais resistiu ao morrer, teve um funeral importante, no Rio, acompanhada que foi ao campo santificado por escritores, jornalistas, poetas, todos amigos do glorioso filho.

Em setembro de 1887, deixa Patrocínio a "Gazeta da Tarde" e passa a dirigir a "Cidade do Rio", que ele próprio havia fundado. Este, como os jornais anteriores em que o grande negro trabalhou, tornou-se em breve um verdadeiro ninho de agulhas, pois foi ali que se fizeram, pode-se dizer sem exagero, os melhores nomes das letras e do periodismo brasileiro do momento, todos chamados por Patrocínio, por ele estimulados por ele admirados, por ele queridos.

Foi de sua tribuna da "Cidade do Rio" que ele saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição, pelo qual tanto lutara, ao qual dera todas as suas energias, os seus sonhos, a sua fé.

Sobreveio a República, e Patrocínio não teve nela parte. Em 11 está em decidida oposição a Floriano. É desterrado para Cuiabá. Em 93 está suspensa a publicação da "Cidade do Rio", e ele é obrigado a refugiar-se, para evitar agressões e quem



JOSE' DO PATROCINIO

SUMÁRIO

PAGINA 17:	PAGINA 24:
— Notícia sobre José do Patrocínio	— Um perfil de José do Patrocínio (A proposta de "Dobras e Cogumelas", de Felix Pacheco por João Ribeiro)
PAGINA 18:	— O sacerdócio de José do Patrocínio, de Sousa Bandeira
— A poesia de José do Patrocínio:	PAGINA 25:
— Vis. Vietis	— Silva Jardim, de José do Patrocínio
— Estênia	— Patrocínio, soneto de Olavo Bilac
— Adormecida	— Na véspera da Abolição (trecho de um artigo da "Serra da Pedreira", de José do Patrocínio)
— Maria	
— IAA-mo	
— Precisa-se	
— Recordações	
— No Lírico	
PAGINA 19:	PAGINA 26 e 27:
— Estudo sobre José do Patrocínio, de Silvio Romero	— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Segunda Série — Antologia da Prosa. I — Monteiro Lobato:
— A Hipocondria, de José do Patrocínio	— Notícia biográfica de Monteiro Lobato;
PAGINA 20:	— Alguns livros de Monteiro Lobato;
— José do Patrocínio e a Abolição (trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira), de Mário de Alencar.	— O Falso dos Milagres
— José do Patrocínio, de Alcides Maya	— Uma fábula — O burro jude
	— Um autorralo
	— A colcha de retalhos (conto)
PAGINA 21:	PAGINAS 28, 29 e 30:
— A última visita a Patrocínio, de Coelho Neto	— Retrospecto Literário de 1912, de Mucio Leão
— Patrocínio na campanha da Abolição, segundo Oliveira Vianna	
PAGINA 22:	PAGINA 31:
— Jesus, de José do Patrocínio	— Maria Isabel, de Vinícius de Moraes
— Biografia de José do Patrocínio	— Uma carta do professor Strowski a Mucio Leão
— Documentos referentes a José do Patrocínio	— Nota ao último Suplemento
PAGINA 23:	— A crítica literária de "A Manhã".
— Anoitecer, de Osvaldo Orico	PAGINA 32:
— Para variar, de Arthur Azevedo	— Sinos de Mariana, poema de Alphonse de Guimaraens Filho, com ilustração de Osvaldo Goeldi.
— José do Patrocínio na opinião de Joaquim Nabuco	

como começa a trabalhar começa também a lutar. Não se dá por satisfeito com a situação e mais 25000 por mês de ganhos, pelos planejamentos que faz por Campos, e mais 135000, que são os ganhos de Campos, se não ganhos em cada. Liga-se em amizade com o Sr. João de Aguiar, e esse lhe dá a sua external, assim o jovem passa preparado para um futuro curso de Direito. Patrocínio ali faz os preparatórios do curso de Farmácia, e também os do curso de Direito.

Em breve, instala-se numa "escola" de estudantes, com os seus amigos Martins Costa e Campos da Paz. Entra para a Faculdade de Medicina, como aluno de Farmácia. Do seu amigo Sebastião Catão Calado, que era e comia de graça. Mas não tinha também alguns alunos de primeiras letras. Em 1859 está ele com o curso concluído, e com o diploma de farmacêutico em casa. Sua situação nesse momento, se torna particularmente difícil. Seu colega Catão Calado parte para a Bahia. A Farmácia não restará outra solução: ler o que alugar sua carta por 200 a 30 mil réis por mês, por isso que não dispõe do dinheiro para estabelecer-se por conta própria, ou então terá que morrer de fome. — Parecia disposto a aceitar a segunda solução, quando, certo dia, foi convidado pelo amigo João Rodrigues Pacheco Vilanova, seu antigo discípulo do Externato Aquilino, para passar um dia em sua casa. Aceitou o convite. Pacheco

A poesia de José do Patrocínio

VOE VICTIS

A. S. P. IMPERIAL

Eu venho perturbar-te nos teus passos,
Quando tu sonhas do prazer nos braços
Do pavoro o lucido ideal;
Lança a lâmpada pelo tom da crença
Mal sei contar essa harmonia imensa,
Que em mares, céus, estrelas se condensa
Na orquestra universal.

Tenho tambem um rei — a Divindade;
Tenho tambem um paço — a Humanidade;
Tenho uma lei tambem — a da Razão!
Em nome dessa eterna trilogia
Faz-me a minha voz pesada e fria,
Como da noite as lencibras, sombria
É minha inspiração.

Venho-te abrir a Biblia da verdade,
Quero que a leias, pobre mocidade,
Atalada do século e da luz!
Tu que no sabre e na libre te escudas,
Falas do paço as consciências mudas,
E beijas crente as faces vis de Judas,
Juizando-as de Jesus.

Filha da livre América tu erras!
O silêncio fatal em que te encerras
Desperta a grande voz da multidão;
É o século em que vens pedir comédia
E' filho de Sycées, da Enciclopédia,
Dessa protagonista da tragédia
Chamada — Convenção!

Pois queres algaroar o pensamento?
— Ergue-te, despovoa o firmamento,
Rasga a página azul da criação;
Tira a melancolia dos lares,
Ope o teu peito a convulsão dos mares
E o filho das potências proclares,
Soposa-o na mão.

Porque pedir excomuniões a Roma,
Quando da paz a doce autora assoma
No céu da consciência universal?
E no Thabor divino da ciência
Rompe os triste andrógas da indigência,
Transfigura-se a humana intelligencia
As festas do Ideal!

Senhora! insulta o brasileiro povo
Lança fronte em que o sol do Mundo-Novo
Isculpia epopéias colorais.
Queres ver o gigante levantar-se,
E ao choque do combate esboroiar-se,
No sangue e na poeira misturar-se
O trono de teus pais.

Que pôde contra nós o fanatismo?
A Historia é alta, não conhece abismo,
Nem ritos hebreos do prião, nem céu.
Quando a lóca quiser sua asa branca
Descender e voar serena e franca,
Veras bem triso como a Historia africana,
É perto o céu do teu.

As veias, pela mente de poeta
A sangue de Maria Antoinetta
Esse-me triste, quando preso em ti...
E tenho horror no bando macabro,
Assasino que esita no sarrario
Da tua alma e... prepara-te um Calvário...
A! misera de si!

Senhora, porque a boca da batalha
Ha-me moler e'os dentes de metralha
Enla uma vez o nosso pavilhão?
Porque a tua mão trevas engrossa,
Quando podias, coração de moça,
Frender no pano da bandeira nossa
Uma constelação?

Em meio dos concertos do progresso
Fazes soar os d'obres do regresso
E gritas para o século: para!!
E não sabes que o sol na sua eclicta,
Não tem medo de breves, nem da encicla,
Nem teme excomuniões da mão raquitica
Do caduco Mastai?!

Senhora, atende a voz da mocidade!
Aguerrtu-nos as mãos a Divindade
Do gládio as lutas e do livro a paz:
E' tarde já para vencer agora;
Olha, vê no horizonte a grande aurora
Do dia da Razão: — ninguém, Senhora,
Pode escondê-la mais!

JOSE DO PATROCINIO

29 de julho de 1878
(O Mcquettre de 8-11-1878).

EULALIA

I

É pallida e franzina
Sobra da mão mimosa
Na coxinha pequenina
A coma de uma rosa.

Voz doce e peregrina,
De flauta harmoniosa;
Qual tímida menina
Assim ela é medrosa.

A lânguida pupila
Risar frouxo, indorido
De alvorecer risinho;

Como que vê tranquila
Em cada flor — um riso,
Em cada estrela — um sonho.

II

Se aquele selo arfasse
As convulsões de amante,
Medora palpitante
Ela talvez pintasse.

Mas se o har fugace
Penetra insinuante,
E passa triunfante
Sem o mais frouxo enlaee.

Est'alma ingenua e pura
A fimbria de um desejo.
Nunca rustica sequer.

Meu Deus! que formosura!
— Da flor fizeste um beijo,
Dum beijo esta mulher!

III

Senhor! Senhor — um crime
Nefando praticaste,
Quando sem ver criaste
Esse ideal sublime.

Tu e'cu inteiro exprime
Que nela o copiasse,
Foste bem mau; armaste
A mão que os homens rime.

Fizeste-a sedutora,
A criação mais bela
Que é dado imaginar.

E lhe disseste: agora
Como o luar, a estrela
Brilha — mas sem amar!

J. DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 13-1-1877)

ADORMECIDA

Dormiu sobre a poltrona,
Serena e languorosa,
Qual pinta-se a formosa
Imagem da Madona.

Um sonho lhe tessura
A boca pertumosa,
Maddexa premonica
Ao colar se abandona.

Mostra-lhe o devanillo
Do seio um poucozinho
E todo o niveo braço.

Senelha esse portento:
Sem voz, sem movimento,
A statua do ensaço.

J. DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 10-4-1877)

MARIA

Sua ve clarão de crença,
De ternura e idealismo,
Que em meu viver — noite densa
Constelas mago asterismo.

No teu olhar se condensa
Indefinido eletrismo,
Que inunda de luz imensa
As trevas do meu abismo.

De minh'alma doentia
Tu foste o missionário
Modesto e consolador;

E só por te ouvir, Maria,
Espero no meu Calvário
A resurreição do amor.

JOSE DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 8-3-1878)

LIRISMO

O seu olhar é feito de quimeras;
Que não sabem voar se não de manso,
Pouca distancia e vem buscar descansa
Na pureza de quinze primaveras.

Nunca turbavam vibrações severas
Essa aurora de paz, tranquilo avanço
A luz, aos céus no plácido remanso
De crenças puras, devoções sinceras.

Sonha talvez um anjo na dormência,
Do molegado brilho, crande resplenda
Das ideus de amor lida em botão.

Horas ha que tem sonha: — in-dus,
Mas apenas nos olhos seus crenças
Cura o pudor, suspira o coração.

JOSE DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 23-6-1878)

PRECISA-SE

... uma dona mais ou menos
Como segue: "mignon", pea pcpem nos,
Penalhos trinta e um, sem calo, furos
Que dá passos miudos e serenos.

A face deve ter uns tons morenos
Muito e muito de leve; olhos divinos
Fontes de adoráveis e desatinos
Eutremicos opora e logo amenos.

Mãozinha esculpural! toda ammo-a
Vencida a palma, as unhas cor de rosa
Que caire letra Z, sendo monos.

Co o dos mais pentis, voz foiteceira
Que deva solucar prantes de hercira
Meses depois da confissão de amor

JOSE DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 25-8-1878)

RECORDAÇÃO

Eu era bem criança, nessa idade
Em que so times naima a luz da crença,
Pobre estrela que em horas de alvoraca
Era do céu na vastidão imensa.

Deixei meu lar então; desse momento
Restou-me um quadro as sombras da orfandade
— Em baixo — o mar, em cima — o firmamento,
Entre as vagas e or sóis minha saudade.

Recordações de tudo que eu prezava
Desde a dormência do meu patria r.o,
Desde o negror de burro descalvado,
Até do amor o limpido amnio.

Terra do nosso lar, sempre es formosa,
Ou nos sejas rural aberto em flores,
Ou sejas o lugar onde escreveu-se
A página maior das nossas cores.

Fô teu nãso primeiro balbucio,
Como a primeira prece a Deus eguida,
Filtrava a tua luz pelos cithares
De nossa mãe feliz e enternecida.

A ampalheta do tempo insonavel
Escolia a pouco e pouco os meus dias,
Estilava-se a crença, effetes notos
Vem nutrir-nos de novas alegrias.

Terra do nosso lar, só tu não perdes
O teu lugar em nosso pensamento!
Sentamos-te na flor, no céu, nas aves,
No azul das aguas, no fugir do vento.

Eu era bem criança no despedir-me
Dos teus mais vivos, lucidos encantos,
E não tiveram força de apaga-los
Nem mesmo os rudes vincos dos meus prantos.

Cresci: dia por dia nos meus sonhos
Com mais firmeza e ardor sentia amar-te,
E no espaço adorava mais ao astro
Que eu via que devia iluminar-te.

Como outr'ora ligou-se a minha infância
Liguei tambem a ti a mocidade,
Não pela glória que eu não tive nunca,
Mas pelo coração, pela saudade.

JOSE DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 26-3-1878)

NO LIRICO

Quando eu senti o teu olhar fixar-me
Oh! flor de seda, rendas e lirismo,
Esqueci do bordão do pessimismo,
Deixei loira visão acanitar-me.

Ful no aéreo dum bello pendurar-me
Do teu broche no rutilo asterismo,
Nesta hora se te amar fosse um abismo
Eu não temera nelle despenhar-me.

Foi bem rápido o tempo venturoso,
Porque logo acordei, lucido mufino,
Com ressalbos de fel de tanto gozo.

Rico burguês de rosto vipirino
Cevava no teu coio o olhar guloso
E... cantava-se a Força do Destino.

JOSE DO PATROCINIO

("Gazeta de Noticias" de 31-8-1878)

ESTUDO SOBRE JOSÉ DE PATROCÍNIO

SEYVO ROMERO

A HIPOCRISIA -- José do Patrocínio

É morto José do Patrocínio... Os homens, como ele, disputam com essas condiciões banais. Ide do gosto do sentimento humano, e tão ineficazes a beira do túmulo de um homem de bem.

Seguemos outra rama e procuraremos, ainda que rápida, do modo como a calor intrínseco do natural extinto. José do Patrocínio é devidamente reclamado pela história e a literatura a história política.

Em ambos ele marca sulco profundo e ocupa lugar preeminente.

Na história literária, terá de ser visto claro e distinto, pairando na em quatro capítulos diversos: no que far consagrado especialmente nos grandes prosadores, os mais perfeitos mestres da prosa brasileira, porque ele era, não o colorido e pela clareza, mas a força de sua frase, um dos mais genuínos representantes do gênero, em nossa língua; no capítulo dos oradores, que não se pode deixar de sua figura, que a de um dos que mais influenciaram e sabiam manejar essa força admirável e perigosa — a palavra falada; entre os romancistas, porque foi um dos primeiros que mais apaixonadamente levaram para a novelística a questão social entre brasileiros, estudando em Motta Coelho — um novo singularismo do modo de julgar em nossas condições locais; em Pedro Espanhol, um exemplo de banditismo existente ainda hoje em toda o Brasil; e em começo do século XIX, a primeira existente até na capital da Colômbia; em Os Retirantes a palavra ferida do sentimento das secas no Ceará e das condições precárias que elas determinam; finalmente — no capítulo dos jornalistas — sua presença se imporia.

Em lugar ali em que ficará em superior destaque, porque em a mesma predileta de suas lutas, foi o laço que prendia o conjunto de letras ao político, e para tudo dizer de uma só vez porque ele escreveu uma frase nova na jornalista brasileira.

Ali, em, no lado dele e ali depois dele, os novos inimigos, a imortalidade, os faziam os tais chamados antiguidades leves de um livro e a escrita (ficcão...) ao gosto de F. Oclomano; os os que faziam e decentabilidos na sua pretensão de graça, mas, não que os seus nomes; os os artigos massados, a crítica de ataques e proleções, como... ainda menos queremos a nossa nome... Em José do Patrocínio, o gênero tomou outro nome, e outro colorido. Frase quase sempre rápida, sempre brilhante, colorida, forte, vibrante. Era uma pila elétrica a grande os olhos dos corações. Nunca entre nós a palavra escrita tinha tomado essa forma do ferro em brasa, mas não bullado e como que esculto em flores de luz.

Ali, a que essa prosa predominava era alguma coisa que não se pode deixar nem pela eloquência, nem pela poesia. Eloquência e poesia, outros tiveram-na os seus talves.

For um tom, um ruído, uma cor, um brilho, uma forma, um singular composto que, para logo, se conhecia que se não podia a superior a reitoria de um virtuoso e sim palpando as linhas da mão do escritor, sentindo os seus dotes, vivendo a sua vida no meio de seu coração torturado.

Quando Wally, autor de uma atrasada e fraquíssima história da literatura brasileira, — teve a ingenuidade de escrever que os meios não tinham tido ação direta em nossas letras...

É porque ele — nunca teve uma página de José do Patrocínio.

Como se houva de arrastar de ter escrito tão desastrosa obra...

Mas não é só a história literária, tivemos nós dito, que a obra do jornalista tribuno; a política tem ainda maiores títulos a sua posse.

Neste ponto basta-nos lançar as seguintes teses: não houve quem tenha defendido nos últimos trinta anos (1873-1905) na política que não tivesse sido por ele discutido; sempre teve o singular bem senso de pôr a sua pena, por maior que tivesse sido sua parcialidade, ao lado das causas mais nobres de seu tempo; na campanha do abolicionismo foi a figura principal. A primeira lei e evidente: Patrocínio esteve nesse período, sempre na imprensa diária e ele não era homem para deixar de lado os grandes debates.

A segunda torna-se prorada, se nos recordarmos que a propagação da república, a eleição direta, a verdade eleitoral, a libertação dos escravos, a unidade dos bancos de emissão, a proclamação do novo regime, o contra-golpe de estado de 23 de novembro, a luta contra o furacão de 1893 e o confilismo desbravado, a participação do sul, a guerra contra a oligarquia dos Estados, a revolta constitucional, todas estas nobres causas encontraram entre os mais ferrenhos combatentes.

O que, porém, está na mente de todos é o papel de Patrocínio na portada, longa, á-pera campanha do abolicionismo.

Sua atividade tornou-se assombrosa, artigos de imprensa, conferências, "speeches", peças judiciais, luta de escravos... tudo foi por ele posto em ação com uma energia, um ardor que chegou a lembrar as figuras lendárias de antigas eras. Por essa luta, mais que toda memorável em nossos annos, ele entra de plano em a número dos benfiteiros de nosso povo, em a número dos chefes espirituais do nação.

E depois de damos o último adeus, oh! glorioso filho de tuas próprias obras!

Asses de da ventra, já hoje abençoado, de uma pobre preta escrava, e chorante quantidade puramente, unicamente pelo pensamento de teu colossal talento, a fulgor nos degraus mais altos, não de nossa mesquinha política partidária, que tudo te levou até a morte, mas sim de nossa própria alma, da alma de uma história, onde ninguém mais do que tu tem o direito de reconhecer elevadamente!

Dizem que entre nós não se fazem diferenciações pela cor... É uma mentira lúbia.

Não tem coragem de faz-las claramente como noutras terras, mas fazem-nas caladamente, aos cochichos dos poderosos, e a guerra — tens-na — tu no teu próprio destino.

Jean-Baptiste Pognelin, mais conhecido no mundo literário por sua celebre antologia de Molière, observando, com aquela inteligência superior de que era dotado, a sociedade em que vivia e que com modificações sensíveis se achava mudando de tempo e lugar, ainda é a mesma, separou nela um tipo originalíssimo, porém asqueroso e ignobil e que como as lacertídeos assume cores diversas e transmuta-se a contento.

Esses exemplar nojento da espécie humana, o grande comediografo e encontrava disjuncto sob variados aspectos: ora sob os braços de um poderoso ministro ou fidalgo de Molière e realenga estirpe, ora enfiado na sua sedas purpúreas de um alto dignitário da igreja, ora enfiado no jaleco de belibulino do burguês; aqui, vestindo o traje elegante e pretensioso do BEL ESPRIT, ali metido nos atalares de tibre do leucio, no linho grosso de uma saia de espartilho, na camisa suja do marinheiro.

Por toda a parte João Batista o encontrava, esse tipo ultrainfantisimo, e quer no palmar da escola social, quer na culminância do ultimo lance, ou no miserável, imortal da Academia ou analfabeto, a penetração de João Batista o compreendia sempre, o mesmo — constante nas linhas gerais da sua balança, idéntico no fundo de voz do seu caracter poente, similis aos processos repletos que empregava para conseguir os desejados fins, processos estes de um delicar macio de oratório, de um aconchegar da vítima, de talpote e sem ruído; todos eles, encantamentos infernais a amadorista a presa, a evasiva de haba com sutileza para facilitar a sugestão na hora suprema do bote.

Mulheres ita por toda a parte esta coisa má, esse ultrage sem nome á obra divina; para qual quer lado que se voltasse o grande homem, sentia ele, revolvendo a inominada torpeza, um jojo coberto de rãva e jarrado de estrepes; ele a via nos salões deslumbrantes da corte do Rei Sol, nas suas longas e sinuosas do velho Paris, pelas suturnas arcarias dos conventos, nos mercados, nos bastidores do teatro onde exibia as genas rutilantes da sua divina inspiração, e até no recesso do seu próprio lar, onde a esposa, acobardando-o de ternuras e lhe arculhando suas maldades de afeto de delicia infinita, salpicava ao mesmo tempo com o lodo da prostituição as suas barbas honradas, conspirava o seu talamo e Molière, com que'risa imperceptível nos labros, riso amarelal e benedito que tascotejava na gargalhada o fígado de toda a França, não perene que não deixava perceber o pranto que lhe eschoreara a alma e o crepe que lhe amofadara o coração, Molière, dizia: nos, pegou desse monturo humano, agarrou dessa lama e atirou-a para o tablado, não inerte, porém animada com todo o vigor pela seu gênio. E a miséria engulhada pela arte fez rir a todos, a muitos dos quais o poeta, no seu profundo asco, poderia interpellar como Horácio ao seu leitor:

QUID RIDES? MUTATO NOMINE DE TE, FABULA NARRATUR.

É o nome que João Batista deu á sua assombrosa criação: foi o de "Tartufo", flocão tão verdadeiro como a própria verdade, tipo eterno e inesgotável, recitando-se através dos eras e das sociedades com uma constância de maldição, sempre batido na estrutura moral, afiduo peçonhento no separ onduloso e na magnética atracão da presa.

Tartufo! Este nome diz tudo, apesar de nunca ter pertencido a ninguém; representa-nos uma entidade que temos visto em toda a parte, uma criatura diabólica, toda camufla e velado por fora, por dentro orilhada de aculeos e garras, armada de arestas corantes como navalhas; é o ente que por cima se tem argolinho a pelúcias de maria zimbelina, aromadas dos mais subditos odora, por baixo apenas o tijuco podre em o qual espreme a tapura nojento; se o acreditamos um flocó de neve, se o compreendemos um capitulo de negros: abutre que tomamos por pombo, vomito do inferno que se nos afigura rasoio celestial.

É Tartufo é pior do que todos os monstros, porque só lhe sentimos a garra depois que ele nos retalha as carnes, só sabemos que o seu contacto gaym e o seu dente está peçonha, quando a pele se nos esche de pustulas e o veneno nos passava nas veias: Tartufo é a lubricidade encoberta pelo gesto de pudor, que coloca sobre os seus olhos da criada um lenço de cambrata, quando, no entanto, arde em desejos libidinosos pela posses de sua esposa; Tartufo é a ferocidade da hiema disfarçada por infantilidade bondade e que se debulha em prantos de extermínio-se um inseto nocivo, quando no entanto máquina o perdício daquilo que o acredita amigo.

É Tartufo não desaparece; Arelino, como bem disse o Sr. Rui Barbosa há dias, embora se reproduza, não encontra meta propicio aos seus triunfos.

Arelino no nosso século morrerá de fome no fim de seis meses de prática da sua infâmia; Tartufo não, sempre lhe é adequado o meio, porque o número de tolos é infinito, a classe dos ingênuos é numerosa. Tartufo, por exemplo, vive abraçado á lei como um asceta ao crucifixo, e no entanto, o seu cerebro só rumina a serentia imoral dessa lei ás suas ambições e egoísmos; Tartufo proclama-se o Moisés de um povo e promete conduci-lo a uma Terra de Promissão de docura inefável, mas o que Tartufo quer é somente escravos para cotejar a seu palanquin de vaidade; Tartufo se diz o immaculado apostolo da ordem, mas o a que ele aspira é á anarquia, e á subversão das instituições.

Tartufo mostra-se em público recetido das insignias de sacerdote da moral política e, no entanto, Tartufo traíca com a dignidade da pátria, expondo-a á brutalidade do primto que

passa; Tartufo, como em outro dia do ano se julga, a no tempo ferido do-ado a Astoré, submete seu povo, ou o sentimento que lhe quer a aplicar o mais próximo peçonho. Tartufo esmua a fortuna particular e indigna-se a cada passo de não ter a mesma origem viciosa; Tartufo, no entanto, da noite para o dia, trans-forma-se em Ugeis.

Tartufo verbera os dijamadores, elumia sobre eles a creação pública e, no entanto, Tartufo é o rei dos dijamadores em uma câmara. Tartufo emprega todo o seu talento de orador para provar que um representante de seu próprio Estado é um sicótico, um HABITUA de taboalagens.

Tartufo nessa mesma ocasião combate com a maior veemência a paixão imoral do jogo e, no entanto, Tartufo foi quem carleou o baralho para a mais louca partida de aor que em seu país se tem jogado; Tartufo é o patrono dos frontões.

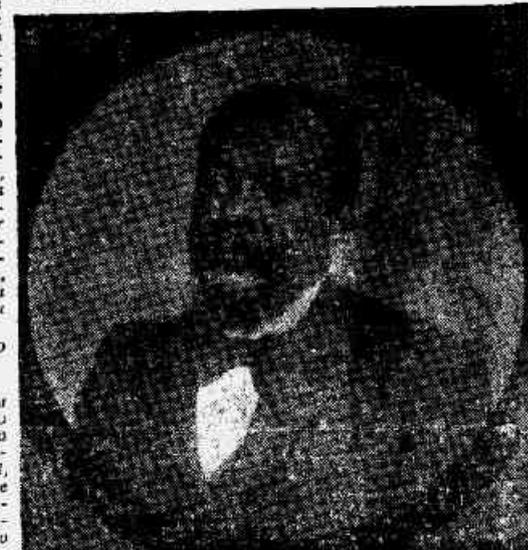
Tartufo diz-se coerente; o despeito, porém, o a: a todo momento trocar de pendão; Tartufo adoga a causa de um estrangeiro, embora senador e tendo que ser juiz da mesma na Câmara, mas Tartufo não aceita a causa de uma tura com onze filhos que á sua ciência recorre para punir os assassinios de seu marido, e isto por ser... senador.

Tartufo é patriota, mas, por emor a paga, aceita a causa do filho do homem que diziam ferocemente a população de seu país!

Tartufo! Tartufo! o assombroso entidade; Se mente, seus falsidades são asertivos imutáveis de suprema verdade; se intriga, os seus enredos e embustes parrem aresos da mais reia justiça; se difama, quem em tal acreditar? Da boca de Tartufo nunca saiu uma calúnia, apenas elle profugia maldades e perneções, escurada no direito, se conspurca, a todos parece estar formado de arminhos uma reputação. Arelino é muito menos ignobil que Tartufo.

Arelino tinha ao menos a coragem da sua balança; feriu, porém também era ferido; Tartufo, no entanto, na sua obra maldita, age com todo asonego e segurança, de impunidade, pois, conquanto demônio, se nos afigura um arcanjo, de seu rosto transpira uma condura celestial, suas naves asda parecem formando de arminhos uma bar em parâmetros dignos, em ambientes de pureza, nunca rastejaram na lama das misérias e das paixões...

(Cidade do Rio - 16-12-98)



Patrocínio, num retrato do começo do século

(“Outros estudos de literatura contemporânea”).

ANOITECER — Osvaldo Orico

Sobre a memória de Brown, o famoso abolicionista norte-americano que em 1854, à frente de um bando de partidários de Kansas, deu o mais veremente combate aos apologistas da escravidão; sobre a memória desse Líder, cuja execução em Charleston foi o prelúdio da guerra civil e teve nos Estados do Norte e na Europa um eco formidável, escreveu Anatole France esta epigrafe, ajustável também à memória de Patrocínio: "A piedade é a base do gênio". Lembremos-se a existência do puritano de Torrington, que em 1856, levado pelo entusiasmo de uma causa, atacava o arsenal de Harper's Ferry, pagando com a vida a coragem de suas idéias; reembre-se a trajetória do filho do vigário de Campos, cuja fé abolicionista levou os brasileiros do sul a pôr-lhe a prêmio a cabeça e estará explicada a sanção do axioma anatoliano.

Quando mais triste parecia o crepúsculo de Patrocínio, um lampejo de idealismo vinha aliviar-lhe os suplicios do fim-de-tarde. Mantinha ele durante o dia, na sala de jantar de sua habitação, uma escola de ensino primário, onde, em companhia da esposa, dava instrução gratuita a quarenta crianças pobres.

A noite, nos últimos tempos da moléstia, entretinha-se em jogar bôca ou "Tram" com o filho e alguns amigos que apareciam para vê-lo.

Leitava-se na cama e delectava-se com a surpresa das cartas.

Não escondia os sobresaltos que lhe vinham à mente. Tendo aparecido nos proximidades de sua residência um caso de varíola, falava sempre em mudar-se porque tinha justificado horror ao contágio.

Foi no Teatro Lírico, por ocasião das festas em homenagem a Santos Dumont, que a enfermidade que lhe minava o organismo entrou em período agudo.

O tribuna, sempre empolgado pelas asas que venciam o espaço, acabava de pronunciar notável saudação ao aeronauta pátrio, quando foi acometido de hemoptises. Verificou-se ali a gravidade do seu estado de saúde. O mal avançou celeremente, preparando o desenlace. Em meados de janeiro de 1904, parecia que lhe horava.

Vinha diariamente à cidade. Morando distante da Estação de Oficinas, fazia o trajeto a cavalo. Na sexta-feira, 28 de janeiro, conta Ernesto Sena, viera à cidade pela manhã. Como à tarde chovesse, passou a noite na residência de seu cunhado, o capitão Frederico de Albuquerque, à rua S. Luiz Gonzaga, em S. Cristóvão. No sábado, às 7 1/2 da manhã, escreveu o penúltimo artigo — "Ave, Rússia" — publicado no "O País" e por ele mesmo entregue na redação. De noite, apesar dos pedidos e conselhos dos parentes e da chuva que continuava a cair, Patrocínio regressou ao lar, à rua Dr. Bulhões, fazendo a cavalo o trajeto da estação da estrada ao ponto em que morava.

Dois antes lhe haviam subtraído uma criança de 4 anos, sua tutelada, que ali fora depositada pelo pai. Todos e tavam atentos por saber o paradeiro da menina. O Zeca, vencendo a vontade que inundava o subúrbio, aventurou-se a procurá-la. Às 9 ou 10 horas da noite, voltou ele a casa o, com ar triunfante, envolvendo em largo poncho, à maneira de cavaleiro da noite, a criança, cujo paradeiro lograra descobrir.

Longo de contentamento, Patrocínio tomou a menina nos braços e pos-se a festejá-la de todos os modos, chegando mesmo a brindar de galinhas, na satisfação de quem não sabia o que fazer para mostrar alegria.

O Zeca entretinha-se a contar a viagem de que acabava de voltar, narrando as peripécias por que passara para encontrar a pequena.

Patrocínio ouvia-o com enlevo e admiração, mas como a narrativa tivesse um que de maravilhoso e de romântico, começou a dobrar da aventura do Zeca, declamando-lhe versos de "A morte de D. João", de Junqueira.

Na vizinhança realizava-se um casamento. Sua esposa fora cumprimentar os noivos e Patrocínio ficara em casa a jogar bôca com um amigo.

Deitou-se depois a cantar trechos da "Júpiter", sempre a clausurar da aventura do Zeca, que não cessava de recomendar-se à sua admiração pelas bravatas. Já quase a dormir, quando o interromper uma algazarra festiva, vinda da casa dos noivos.

— Viva José do Patrocínio!
— Vivoooco!

Despertado pelo barulho e vendo que se tratava de sua pessoa, começou ali mesmo na cama a fazer para as cadeiras um discurso de agradecimento estrado naquela antiquíssima chapa.

— Faltaria ao mais sagrado de todos os deveres se, neste momento solene, não erguisse a minha fraca e debil voz, para agradecer em palavras repressadas de comoção tudo o que me vai n'alma...

E assim por diante, até que os vivas se extinguíram e ele pôde voltar ao sono.

No dia seguinte, domingo, acordou cedo e muito bem disposto, dizendo-se satisfeito por ter muito trabalho a fazer. Passou o dia conversando e dormiu depois do almoço.

As 3 horas da tarde, levantando-se da cama, pediu à esposa e ao filho que lhe sugerissem assunto para o artigo que aparecia habitualmente no "A Notícia" com o título — "As segundas" — e assinatura de Justino Monteiro. Bibi e o Zeca lembraram diversos, mas Patrocínio recusou com esquivo motivo a colaboração familiar e dirigiu-se à mesa de trabalho, que ficava na sala de visitas, anunciando que ia escrever sobre a morte do desenhistas Bordalo, sobre a criação da sociedade protetora dos animais, pretendendo terminar com a agressão amizada de que fora vítima o Bispo do Rio Grande do Sul.

Estava em meio do trabalho quando a esposa o chamou para jantar. O jornalista respondeu que fossem jantando sem ele. E continuou a escrever.

Enquanto escrevia, fumava, sem atingir que a enfermidade lhe corria o organismo, preparando o golpe fatal. Estava então na quinta tira do trabalho, pensando a mão sobre estes pontos, quando a morte lhe interrompeu o raciocínio:

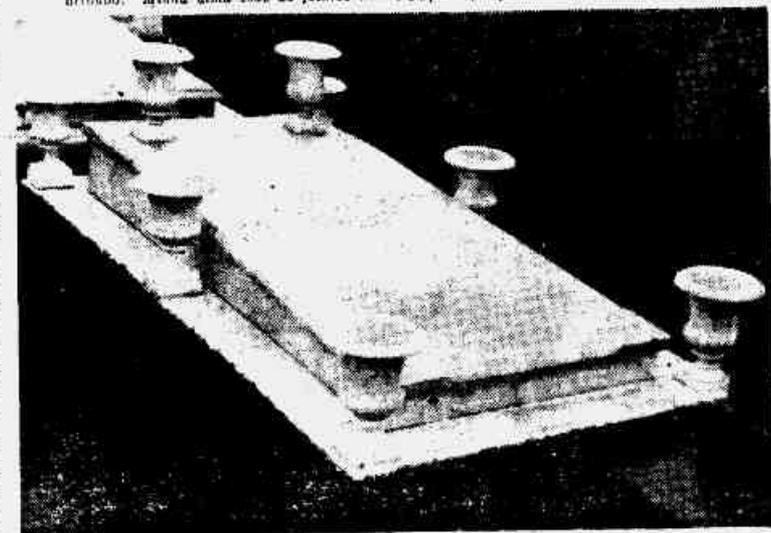
"Fala-se na organização definitiva de uma Sociedade Protetora dos Animais. Eu tenho pelos animais um respeito egípcio. Penso que eles têm alma, ainda que rudimentar, e que eles sofrem conscientemente as revoltas contra a injustiça humana.

Já vi um burro suspirar como um justo depois de brutalmente esbofado por um carroceiro, que alestara a carroça com carga para uma quadriga e queria que o mísero animal a arrancasse de um atoleiro.

Ao escrever a última palavra, sentiu que deitava sangue. .. Abandonou a mesa e dirigiu-se cambaleando para o quarto. Quando lhe perguntaram o que sentia, transformado pela



Patrocínio, no dia 13 de maio, falando em nome do povo diante da Princesa Isabel, exaltando sua arroba: "Minha alma sobe de joelhos nestes Paços". ("Apied. — Patrocínio")



Túmulo de José do Patrocínio, no cemitério de S. Francisco Xavier

PARA VARIAR — Arthur Azevedo

Não há palavras que descrevam fielmente o entusiasmo do povo fluminense que neste glorioso momento tem sabido mostrar a sua incomparável grandeza.

Não espero de hoje em diante assistir a um espetáculo mais doce e mais consolador que o dessa alegria sagrada, que resplandece em todos os semblantes, e em que se ocupa a liberdade.

Séquioso de festejar a liberdade, o povo derramou-se nas ruas, e as ruas encheram-se, sem que um único distúrbio perturbasse a ordem. A polícia não teve em que se ocupar. Dir-se-ia que o mesmo decreto da abolição extinguiu também a capoeiragem. E não será, realmente, a liberdade remédio para todos os males que nos afligem?

A um povo que procede como o nosso tem procedido desde a cotação da grande Lei, e como procede a durante os surpreendentes festejos, hoje anunciados pela imprensa fluminense; a um povo que assim se mostra digno de todos os favores da Providência, estão reservados sem dúvida os mais brilhantes destinos.

É de José do Patrocínio a figura que o entusiasmo e a justiça do povo salutararam com mais vigor nessa vitória suprema de uma grande causa. Se o fôra outro, não se, já a estas horas estava sepultado o ilustre jornalista, que foi a primeira força do abolicionismo.

eris, e um vôperas de afixia, apenas murmurou apontando para o chão: "Bannus". E outra grande golfada lhe jorrou da boca, manchando o rosto. Nada mais disse.

Estendido na cama, procurou com os olhos as suas dedicadas e espirais. No bolso da calça que vestia, viviam apenas 12,000 réis, miúdas de uma fortuna que amou a prodiga idade, e que mal davam para encher de azeite as candelas...

"Que artigo escrevia José do Patrocínio quando morreu?"

(*) Em uma conferência realizada na Sociedade Brasileira de Belas Artes, o escritor Osiário Penava afirma que foi a crônica (Continua na pag. 31)

Dole partiu o primeiro grito de guerra: era justo que Deus lhe reservasse, como reservou, a inefável satisfação de anunciar ao povo, de uma janela do Paço, a promulgação do decreto de 13 de maio.

O abolicionismo teve muitos heróis, a quem as minhas obras crônicas sempre fizeram plena justiça. Entre eles figura, no primeiro plano, o grande Ferreira de Menezes, cujo nome — diga-se de passagem — não tem sido lembrado como deveria sê-lo. Mas não há dúvida que José do Patrocínio foi o mais brilhante, o mais convencido, o mais audaz, o mais lógico, o mais enérgico, o mais vibrante, o mais indolente, o mais amável de todos os apóstolos da grande causa. Para chegar ao delicioso oasis a que chegou, embriagado pelo triunfo, foi-lhe preciso trilhar uma longa estrada de lama e de insultos. Houve aqui um período célebre, que todos liam às escondidas porque se envergonhavam de o fazer as claras, e que só lhe chamava — e preto cínico.

Sepado de José do Patrocínio pela incompatibilidade dos temperamentos, e sem desejo de reatar relações que noutro tempo nos aproximaram, tanto não pela essa razão teve de deixar aqui bem expressa a homenagem da minha admiração

e do meu reconhecimento; do meu reconhecimento, sim, porque me cabe, como a todo b asileiro, uma quota parte na vida geral.

Se algum desocupado censurar o meu insuspeito louvor, saiba que pouco se me dá que José do Patrocínio seja meu desafeto, desde que tão amigo tem sido da minha Pátria.

(A Época, de 16-7-1888)

JOSÉ DO PATROCÍNIO NA OPINIÃO DE JOAQUIM NABUCO

Este é o representante do espírito revolucionário que com o espírito liberal e o espírito de governo fez a abolição, mas que foi mais forte do que eles, e acabou por os absolver e dominar...

... O que Patrocínio, porém, representa é o *factum*, é o irresistível do movimento... Ele e uma mistura de Spartaco e de Camille Desmouquins... Os que lutavam somente contra a escravidão eram como os liberais de 1879, da raça dos copas de boa vontade, não voluntários que as revoluções empregam para lhes abrirem a primeira brecha... Patrocínio é a própria revolução. Se o abolicionismo no dia seguinte ao seu triunfo dispersou-se e logo depois uma parte d'ela abou-se a grande propriedade contra a estrada que ele tinha iniciado no sacrifício, e que o espírito que mais profundamente a agitou e revolveu, foi o espírito revolucionário que a sociedade aboliada tinha deixado escapar pela primeira fenda das suas alceceras... Patrocínio foi a expressão de sua época; em certos sentidos, a figura representativa dela...

(Minha Formação, páginas 209-210).

SILVA JARDIM - JOSÉ DO PATROCÍNIO

PATROCÍNIO

Chamava-se Antônio da Silva Jardim, magro, esilatura de Thiers, pallido de argilla, barba inteira, rente, panteaguda, vestido corcamentado, parruca, a primeira vista, uma dessas nuidades elegantes, a quem a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, repartia lugar no e-pico. Bastava, porém, reparar na flexão das suas subbrancelhas espessas, na expressão imperativa do seu olhar, para descobrir dentro dessa miopia orgânica um homem, um caráter em carca viva.

Chama-se Antônio da Silva Jardim, magro, esilatura de Thiers, pallido de argilla, barba inteira, rente, panteaguda, vestido corcamentado, parruca, a primeira vista, uma dessas nuidades elegantes, a quem a natureza, satisfeita por afeminar-lhes o aspecto, repartia lugar no e-pico. Bastava, porém, reparar na flexão das suas subbrancelhas espessas, na expressão imperativa do seu olhar, para descobrir dentro dessa miopia orgânica um homem, um caráter em carca viva.

Nascido na antiga província hoje Estado do Rio, veio adaltescente para a capital brasileira e entrou na secretaria de Instrução Pública, na época dos romances, lembrando um pássaro selvagem, a voçlar a esmo numa lanteira de luz. As suas notas foram verdadeiras conquistas, tamanho era o seu azeiteamento no alaque ao ensino oficial.

Feitos os preparatórios, entrou na Faculdade de Direito, em São Paulo, como um incisor, quebrando as velhas moedas acadêmicas, apurando os mochos do classicismo com o clarão auroreol da filosofia positiva. Ficou algum tempo só, aguilão pairando no isolamento da sua excentricidade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestígio acadêmico. Quando se doutorou, já o seu nome era repetido, já a fama pública.

Parece que sentiu então necessidade de concentrar todo o ardor juvenil para amadurecer o espirito. Em vez de entregar-se logo à politica, recolheu-se ao magistério: ensinou história na Escola Normal, convertendo os seus discipulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modelo. A cátedra oficial era, porém, uma prisão, e Silva Jardim precisava de toda a sua liberdade; a sua natureza, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Demitiu-se, pois, e foi armador em Santos, beirado do palmar da Independência brasileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servilismos pela vida comercial. Foi aí que o noviço polêmico fez, à noite, no círculo de archotes, no momento em que se recolhia uma passante

ciêcia de abolicionistas. A sua voz atemorada, monótona, produziu-me a impressão de uma labareda imóvel, aquecendo forte, mesmo a distância, mas de modo não escapar uma lagulinha para atear incêndio. Silva Jardim era então possivelmente ortodoxo e evangélico segundo a sua época. O seu discurso não tinha uma agenda; e a uma onda branca que expunha, de quando em quando, um estrepito, uma asituação popular. Confesso que foi grande a minha decepção: contava com um agitador e deparava com um pedregoso.

Perdemos-nos de vista até maio de 1888, data em que o partido republicano de São Paulo deixou entrar em fase revolucionária, declarando guerra sem tréguas ao terceiro reinado. Silva Jardim começou então a ser o "primus inter pares".

Na reunião de 24 de maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionária, capitulantes presentes assistiram quantos relativamente ruidosos. Silva Jardim era pobre mas já o cargo de família, pouco se aliara a uma das lutas desceidentes de José Bonifácio, mas, para dar exemplo de dedicação às suas idéias e empremelem-se por soma maior. Valem alguma coisa o estímulo, mas, apesar disto, ele verificou mais tarde que não era possível empilar nesse recurso como o principal instrumento de êxito revolucionário. Deixou, pois, andar por si só, sem pedir conselhos, sem receber ordens dos chefes. Querendo revolucionar, começou revolucionando - se.

Agora já não era o orador calmo e frio, o filósofo enfim, era o propagandista impetuoso, violento e sanguinário. Os seus discursos estretavam chamadas como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo avançando contra o trono. Tend, começado o incêndio em Santos, estendeu-se à província de São Paulo inteira, à capital do império, às províncias do Rio e Minas Gerais. Felava em três e quatro cidades no mesmo dia, com o relatório a não para obedecer ao horário das estradas de ferro. Após o seu discurso, aparecia no lugar um centro republicano.

O império, mole e benachetado, escolheu, a principio, os embates que faltava; outros haviam feito o mesmo; porém, a

QUANDO, AO BRAÇO O BROQUEL, COMBATIAS, SOZINHO, CALMO, O GLADIO IMORTAL VIBRANDO AS MÃOS, CERTEIRO — DE QUE BENÇÃOS DE MÃE ERA FEITO O CARINHO, QUE UNGIA A TUA VOZ, CLORIOSO JUSTICEIRO ?

TREVA EM CUJA ESPESURA OS SÓIS FIZERAM NINHO! FOI DE DENTRO DE TI, QUE, PARA O CATIVEIRO, SAIU COMO UM DOIRADO E ALEGRE PASSARINHO, NUM GORGEIO DE LUZ, O CONSOLO PRIMEIRO...

HOJE, DO MAR DA INVEJA, EM VÃO, PARA O TEU ROSTO SOBE O LODO... SORRIS: E INJÚRIAS E IRONIAS VÃO DE NOVO CAIR NO PODRE SORVEDOURO...

E, ETERNO, A ETERNA LUZ DOS SÉCULOS EXPOSTO, FICAS — TU, QUE AO NASCER, JÁ NA PELE TRAZIAS A IMORREDOURA COR DO BRONZE IMORREDOURO!

OLAVO BILAC

inércia popular, a mor parte das vezes, e outras a coice de armas do exército tinham bastado para impedir que a semelha republicana germinasse. A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão velidente a sua eficácia, os seus resultados eram tão imediatos, que a monarquia tomou a deicideração de resistir-lhe.

Cada vez que o andar republicano assumia a tribuna, corria imminente perigo de vida; pedradas, lutas de revolver tinham, muitas, já a mão armada interrompido-lhe o discurso, e este calmo, até na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos lábios, esperava que a tormenta passasse e continuava. Quando era de todo interrompido, aguilão o humilho, o se desdobra a reunião, Silva Jardim se retirava, arriscando tudo a vida como o mais humilde dos seus correligionários.

Em julho conhecido o apelo da república do conde d'Eu, esposa da filha da rainha, dos príncipes do Norte. Como era Alcega se embargasse a bordo do paquete "Fingos", a monarquia devia desportar-se a a guerra e a república imperial herdada. Silva Jardim tomou passagem no mesmo paquete. A viagem para pecca tinha por fim o plano do Norte, abolicionista, a já monárquica, que a lei de 13 de maio havia abolido no Sul, até os seus alçados.

O tribuna republicano apercebeu-se do maneo e resolveu contrapor, com risco da vida, uma corrente republicana à forte corrente monárquica, que ia inundar o Norte.

Só uma provincia, a da Baía, pôde ouvir Silva Jardim, mas aí mesmo, atacado à mão armada desde o momento do desembarque e obrigados os republicanos a travar luta, de que resultaram ferimentos e mortes, força foi interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos dessa provincia, ainda que se sentissem com força para garantir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande effusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitava imediatamente a causa republicana em toda a pátria, conseguiram o silêncio do tribuna, publicando um protesto coletivo.

Analis-se, porém, o effeto desse golpe de audácia temerária, pela declaração que o principe illuminado se viu obrigado a fazer pública e solenemente. Sua Alteza, em nome da familia imperial, declarou que a monarquia não pretencia resistir à opinião pública; ao contrário, comprometter-se a submeter-se ao pronunciamento dela, feito pelos meios regulares. Dois ou três meses depois desse incidente, a monarquia era

deposta, em 15 de novembro de 1889.

Para os que acreditam, na Europa, que o advento da República foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar desse dia, Silva este rápido bosquejo da vida de Silva Jardim para desparar-lhes. A República estava feita nas consciências, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a República a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua história. O futuro historiador, quando tiver de julgar as alianças partidárias que o grande batalhador celebrou para dispor de um partido, poderá ser rigoroso, mas, ao ver tanto desvalimento esquecido, tanto sacrificio mal aguçado, e ao mesmo tempo tanta altivez da parte da vitória, há de lembrar-se destas palavras de Ghilardi: "Poucas coisas tão grandes quanto difíceis são necessárias à gloria de um homem: suportar a infortuna, recusando-se com firmeza, e crer no bem e conseguir nele esta perseverança".

A República, e que Silva Jardim sacrificara a sua vida, não teve um caso de confiança para dar-lhe. Para não desanimar-se a sua justa queixa, o sacrificado voltou costas a pátria e veio para a Europa pedir, ao estado, maior força de resistência e de patriotismo.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no ultimo momento afirmou a sua extraordinária força de vontade, de muitos vezes temerária.

Querla ver de perto o Vestuário. Estava em erapado: tanto melhor, assim era mais belo. Em vão o seu compenheiro e amigo reclama: em vão o dia aconselha; em vão o solo, reemando já as plantas dos cantoneiros, lhe faz muda offerência. O homem das grandes audácias caminha sempre até que uma garantia, subitaneamente aberta, vomitando fumo, o ergole. Ainda neste momento supremo, o herói não se trai por um grilo, limita-se a levar as mãos à cabeça como unico testemunho da sua agonia silenciosa.

Bela sepultura, o vulcão; extraordinário destino do grande brasileiro: até para morrer se converteu em lava.

(De "O Século", de Lisboa).

Na véspera da abolição

(Trecho de um artigo da SEMANA POLITICA). José do Patrocínio

O que será este país amanhã, quando o que hoje surge para ser a norma do procedimento dos governos e do povo? Quando, extinta a recordação do cativo, cada cidadão entender que ele é tanto maior quanto mais repular no direito de outrem o seu direito e o direito de todos?

Temos o olhar alongado sobre esse amanhã que vem rápido, vertiginosamente e que, entretanto, aligeira-se a nossa ariedade lenta como o desabar de um século.

Bate-nos novamente o coração, perguntando-nos no paranoatado se e com certo vertigo: que dentro em poucos dias, uma sentença vai comparecer perante a assembleia de um povo, não para impor, mas para pedir e conquistar como a banda Ester, piedade para os milhares de desgraçados, os filhos, de uma raça que foi degradada por haver contribuido tanto como qualquer outra para a grandezza da sua pátria.

Sabemos que a promessa de homens de bem é a antecipação da realidade, e entretanto temos ainda essa incredulidade fugitiva que nos provoca o bem muito maior do que esperavamos.

E por isso mesmo perdooamos aos que não acreditam de todo, aos que julgam que amanhã haverá de chorar de despeito.

Não há negação a corrupção havia mirado tanto o país, que e quasi impossivel acreditar que se conservasse intacta uma porção do caráter completamente refractário ao contatado.

Demais é melhor não esperar muito, para morrer de alegria recebendo tudo.



José do Patrocínio, num retrato da maturidade

VALORISE SEUS LIVROS! ENCADENE-OS EM Nilo Figueiredo FONE 22-6748 R. dos INVALIDOS 137 B-Rua do CARMO 8

ANTOLOGIA DA LITERATURA

I - MONTEIRO LOBATO



Lobato & Cia. Em 1922, terceira edição.

— **Negrinha**, Contos, Monteiro Lobato & Cia.

— **Cidades Mortas**, Contos e Impressões, Monteiro Lobato & Cia. Em 1923 estava na quarta edição (15 milheiros).

— **O problema vital**, Higiene e Sociologia.

— **Mundo da Lua**, Monteiro Lobato & Cia. 1924.

— **Nari**, livro arrebatado, Fantasia, M. L. Lobato & Cia.

— **Na Antepesera**, Belchões mentais dum ingenho, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.

— **O Escândalo do Petróleo**, Documentos apresentados a Comissão do Inquérito sobre o petróleo, Companhia Editora Nacional, Segunda edição em 1935.

— **Contos pesados** (Urupês, Negrinha, O macaco que se fez homem), Companhia Editora Nacional.

— **Contos leves** (Cidades Mortas e Outros), Companhia Editora Nacional, 1935.

— **O Choque das Raças**, Romance.

— **América**, Impressões dos Estados Unidos.

— **Mr. Slang e o Brasil**, Companhia Editora Nacional.

— **O Ferro**, Companhia Editora Nacional, 1931.

— **Fábulas**, Companhia Editora Nacional. Em 1935 estava na 3ª edição.

— **Aventura de Hans Sladen**, Companhia Editora Nacional. Em 1935 estava na 3ª edição.

Além desses livros, Monteiro Lobato tem uma extensa série de livros infantis.

João Dória Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, e logo depois passou a trabalhar em um escritório de advocacia em São Paulo. Em 1906, abandonando a carreira jurídica, foi para a cidade de Baurista, onde se dedicou ao jornalismo. Em 1910, mudou-se para São Paulo e fundou a revista "O Estado de São Paulo". Em 1917, fundou a revista "O Planeta", que se tornou uma das principais revistas literárias da época. Em 1920, fundou a revista "O Estado de São Paulo", que se tornou uma das principais revistas literárias da época. Em 1922, fundou a revista "O Estado de São Paulo", que se tornou uma das principais revistas literárias da época.

Em Baurista ficou durante seis anos. Vendeu-o depois a preço muito baixo para São Paulo, onde adquiriu a "Revista do Brasil", que lhe havia publicado os primeiros contos. Durante essa época os livros "Urupês", "Cidades Mortas" e "Cidades Mortas", esses três livros foram editados pela firma editora Monteiro Lobato & Cia., que logo depois se transformava na conhecida Companhia Editora Nacional. Monteiro Lobato veio residir no Rio de Janeiro. Em 1926 esteve nos Estados Unidos como adido cultural, ficando residência em Nova York, e ali permanecendo pelo espaço de quatro anos. Em 1930 está de volta ao Brasil e dedica a sua atividade ao petroleo e ao ferro.

Monteiro Lobato, simultaneamente com essas atividades, continuava a escrever, produzindo uma longa obra de contos, romances, crônicas, jornalismo. Há dez anos uma nota de sua editoria dizia que o total de suas edições já havia passado de 600.000 exemplares.

ALGUNS LIVROS DE MONTEIRO LOBATO

Da numerosa bibliografia de Monteiro Lobato citamos os seguintes livros:

— **Urupês**, Contos. Em 1923 estava na quarta edição (25-30 milheiros), Monteiro Lobato & Cia, Editores.

— **O livro** foi traduzido para o espanhol em 1921, por Benjamín de Guay, e na "Biblioteca de Novelistas Americanos", apareceu naquele ano na Editorial Patria, de Buenos Aires.

— **A Onça Verde** (Jornalismo) — Edição da "Rev. do Brasil", 1921.

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

— **Idéias de Jeca Tatá**, Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

(Ilustração Brasileira).

Segunda série - Antologia da Prosa A COLCHA DE RETALHOS

Upá!
Cavalgo e parto.

A natureza, por estes dias de março, recorda lorde. Fasso as nuvens embaralhadas não rompo as neblinas e com espreguiçamentos de mulher maliciosa que depois os raios da ceu vão para o banho de sol. A natureza espanta o velho da palmeira, de boca-lhe as cores.

Tão parece como através d'um e-lal despolido.

Vez e outra de copina lafado, como debaixo pelo fio dos barrancos; vejo o solo-terra da estrada descorar passos atentos; e nada mais vejo senão, a espaços, o rufio larado de alguns jacaras marginais.

Agora, uma portela.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomo à destra, em direitura ao sítio do José Alvorada. Este sítio mora-me a talho de pegar um rogado no capoeirão contíguo aos Periquitos, nata de terra que pelas bocas do caete legitimo, da unha de raca e da enquera silfa a clamar foice e coitas de milho.

Não é difícil a parada; com cinquenta braças de carrado, bato a rca no caminho velho.

Tres, quatro, se não bom. Talvez, talvez. A noventa por um-nove vezes quatro trinta e seis; trezentos e sessenta alqueitros de cilo máo.

Descortinas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a para e o ralo... Será a filha do Alvorada?

— **Hom dia, menina. O pai está em casa?**

— **E a sua filha única. Peio jelho não vai em mais de quatorze anos. Que f'escara!** Lembra os pés dancera ricados nas gratas noruegas. Mas arredia e lá como a fruta do gravatá.

Olhem como se acanhou! Dalkos baixos, finge arrumar a rodilha. Vejo pegar agua a este corgo e a miange não se ha-ter esquecido por detrás do queia moita de faquaris, ao anular-me.

— **O pai está lá? Insisti.**

— **Responde um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha. Como a vida do mato asseiova estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caprins. O velho quando compron a situação dos Periquitos, pinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.**

— **Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras enaspadas e secas onde se encurtam as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se razeando as idas à cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outonicos, e que a geada queimou o café novo — mia lamina, três mil pés — o homem, amuado, nunca mais espietou pé fora do sítio.**

— **Se o marido deu assim em vambiera, a mulher, essa enruada de pédo para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roca vai a ilha três vezes, uma a ballar, outra a cozer, terceira a enterrar.**

— **Com tais esmarizeres na cabeça dos velhos, e pobrezinha do Pingó Dágua — tinha esse apelido a Maria dos Dolores — era natural que se folhesse na desercultura ao extremo de ganhar modo à gente. Fora uma vez à ilha, com vinte dias a ballar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali.**

— **Let? Escrever? Patacoadas falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valia a ela ter e escrever que nem uma professora, se**

des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roca coisa na roca.

— **Dizia a meama as rocas com a rodilha e empenhei-me por um grão condacente a morada.**

— **Que rainha...**

— **Da casa antiga alura uma aba, e a restante, alem da canheira seada, tinha o cido fora do prumo.**

— **O velho pomar, roida de formiga, succumbira de inanição; tres ou quatro laranjeiras macilentas, ruidas de broca, sopsando o polvo retrancado da herba de passarinho, abroalhavam ainda rebentos ouzados de pua, na ansia de sobreviver. Fora disso, mamoceros, a silvestre goiaba, e araçás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho baldio, fronteiro à casa. Tapera, quase, e enturados nela, o que e mais triste, almas humanas em tapera.**

— **Bati as palmas: ó de casa! Apareceu a mulher.**

— **Está o seu Zé?**

— **Inda agorinha saiu — mas não demora. Jol queimar um mel na massaranduba do pasto. Apoei e entrei.**

— **Amarelo o cavalo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinhá Anna Rosa. Toda ruga na cara, e uma cor... Estranhei-lhe.**

— **Doença, gemeu, estou no fim. Estômagu, fígado, uma div aqui no peito que responde na cacunda... Cosa velha é o que é.**

— **Metade cisma, disse-lhe para consolo.**

— **Eu é que sei, ré-ucou ela, suspirando.**

— **Entrementes surgiu da cozinha uma velhota no cerne, bem apessoado, rija e teza, que me saudou, e:**

— **Está espantado do jelho da Nhanna? Esta gente de agora não presta... Olhe que eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei a minha netá, inda lasso, cozinho e cozo. Admira-se? Cosa sim!...**

— **Meed e gabola porque nunca pudeca doença — nem dor de "ente"... Mas eu? Pobre de mim!... S'admira de inda estar fora da coza.**

— **Ai vem o Zé.**

— **Chegava o Alvorada. Ao verme, abriu a cara.**

— **Ora viu quem se lembra dos pobres! Não pegu na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difícil, num oco muito alto e sem jelho, mas sempre tirei. Não é jiti não, é mel de pau.**

— **Depois a caia de favos num mocho e se foi à janela lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava. E pondo os olhos no caminho:**

— **Hoje veio no picaco... Bom bicho! Eu sempre digo: animais aqui no redor são este picaco e a ruana do Iê de Li-mua. O mais e causalaria de moenda.**

— **Nesse momento entrou a menina, de pote à cabeça. O pai apontou a caia de mel.**

— **Esta é, filha, o doce da aposta. Perdi, paguet. Negócio e negócio. Que aposta? Ah! ah! B'Acadeira. A gente cá na roca quando não tem serviço com qualquer coisa de diverte Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse ante; são mais de dez. Pingó negou; não veio à ilha. Anaslamos. Erym-nove. Ela ganhou o doce. Doce da roca mel. E esta suspinha só vindo, não é o que parece, não!**

— **A loquela do Alvorada não demenciara com o atraso da vida. Em se lhe dando oída,**

taparelava como pente da cide.

— **Erpux-lhe o meu negócio. O homem rejtancu a testa e re-flexionou um bucoado, de quezo preso. Depois:**

— **Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que casuquei a peste de munda do ponto preto. Fiquei assim como queiraço por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com canaralhos no cilo não basta ter boen. Sem puzar a enxada de par com eles, a coisa não vai. Lembra-se da empreitada do ano retrado? Pois sai vendendo. O tranca do Nina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos não lerei o jornal. Desá ent-lá fu erut em serviço alheio. Se inda teimo neste sustento é por via da menina; sendo lar-pata tudo e lá viver no mato como bicho. E' o Pingó que inda me dá um pouco de coragem...**

— **A velhinha sentara-se à luz da janella, e abrindo uma caizeta pusera-se a cozer, de ocúlos na ponta do nariz.**

— **Aproximei-me, admirativo:**

— **Sim, senhora! Com selen-ta anos!**

— **Sorriu-se, lisonjeada.**

— **E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, des'que Pingó nasceu. Das vestidinhas deia vou guardando nesta caiza cada lica que sojeja e um dia as cozo. V'ja que voluntaria de serviço.**

— **E estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.**

— **Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho há de ser do vestido de casamento, não é Pingó? Pingó d'Agua não respondeu. Metia na cozinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.**

— **Mais dois dedos de prosa, um cafezinho ralo — escolha com rapadura — e:**

— **Bom, remetei levantando-me do mocho de três pernas, como não pode ser, paciência. Apesar disso acho que deve pensar um bucoado. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?**

— **Que dá eu sei que dá, mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era genit, muitos peguei a sessenta, e não me arrependi.**

— **Mas hoje...**

— **Nesse caso...**

— **Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo, Dona Anna falleceu. Era fatal a dor que respondia na cacunda. E me não mais alforava à tona da memória a imagem daqueles urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum correste do balro, uma coisa apenas crível: o filho de um siliante vizinho, rapaz de todo pancada, jurizara a Pingó d'Agua aos Periquitos.**

— **Como isso? Uma menina (há nequandá!...**

— **E' para ver! Descoustem das novelas... Fugiu, e lá rodou com ele para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "maço", a em-biinha.**

— **O incidente ficou a acotinar-me do sustento. A noite perdi o sono rebitendo cenas da última visita no sítio, e disse bratou a idéia de lá tomar. Para? Confesso, mera curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta**

UMA FABULA

O burro juiz

Disputava a gralha com o sabão, no mando que a sua via valia a vida. Como as outras aves r, sem di queia preciosa, a bulhenta matracaca de penas, lufosa, disse:

— **Nada de brincadeiras. Isto é uma questão muito seria, que deve ser decidida por um juiz. Canto o sabia, canto eu e a sentença do juiz decidirá quem é o melhor artista. To-pam?**

— **Topamos! piaram as aves. Mas quem serviria de juiz?**

— **Estavam a debater este ponto, quando zurrou um burro.**

— **Nem de encomendal exclamou a gralha. Esta lá um juiz de primelíssima para julgamento de música, pois nenhum animal possui maiores orçlus. Convinciu-o.**

— **Acceitou o burro o juizado e veio postar-se no centro da roda.**

— **Vamos lá, comecem! ordenou ele.**

— **O sabão deu um pulinho, abriu o bico e cantou. Cantou como só cantam sabões, gargantando os trinos mais melodiosos e limpos. Uma pura maravilha, que deixou maravilhado em êxtase o audiente em peso.**

— **Agora, tu, ó, e a gralha, dando um passo à frente.**

— **E abridio a bicanca matracaca e uma grita de romper os ouvidos aos próprios ouvidos.**

— **Terminada a justa, o artis-timo juiz abanou o paludo or-dhano e deu a sentença:**

— **Dou ganho de causa à excelentíssima senhora dona Gralha, porque canta muito mais forte que mestre sabão.**

— **Quem burro nasce, togado ou não, burro morre.**

(Ilustração Brasileira).

DE 1942 -- (Lido por Mucio Leão na Academia Brasileira, em sessão de 29-12-1942)

OS PREMIOES DE 1941

Como nos anos anteriores, a Academia, no dia 23 de novembro — data que relembra a morte de Francisco Alves — a sessão de distribuição de seus prêmios. Obtiveram prêmios em 1941: Manoel de Oliveira Lima, Sílvia Elia, Paulo de Oliveira Lima, Teófilo de Foz de Iguaçu, Antônio de Guimarães Filho. Ao primeiro, pelo seu romance "Solomé", foi conferido o "Grande Prêmio da Academia Brasileira" de 10 mil cruzeiros. Manoel de Oliveira Lima retomou, nesse livro, o velho tema da tragédia de Solomé — e o fez de uma maneira nova e atualizada, com o resumo de novos fatos. Foi romance já foi traduzido para o espanhol, e incluído numa seleção de literatura de Buenos Aires tem merecido expressivas comentários da crítica. A Sílvia Elia recebeu o "Prêmio de Ensaio e Erudição", pelo seu estudo "O problema da Língua Brasileira". A Paulo de Oliveira Lima coube o "Prêmio de Contos e Novelas" pelo livro "Obrário" e a Teófilo de Foz de Iguaçu o "Prêmio de Romance" pelo livro "Barril à parte da Vida". A Antônio de Guimarães Filho coube o "Prêmio de Poesia" pela coleção intitulada "Luzes de Extremidade". Trata-se de uma poesia esmerada, como sempre. Filho escreveu grande e triste cantar que escreveu "Kikabô", que trouxe do Vate de Nossa Senhora uma poesia elegante e pura, uma poesia que é a mais ardente das Humanidades. João e uma grande voz de poesia, e a mais ardente das Humanidades. João e uma grande voz de poesia, e a mais ardente das Humanidades.

Ida, mesmo subido que...
E reconstruiu o mundo...
De que as estrelas não morrem...
Insuportável do notito, na despedida...

Nessa mesma sessão de 29 de junho tivemos ocasião de ouvir alguns comentários do maior interesse. O novo presidente, pesquisador insuperável que é, nomeou um identificador em Francisco Alves o autor de alguns livros didáticos, que circularam em sua hora ou circulam ainda hoje, sob pseudônimos ou iniciais. Mostrou-nos, assim, que o grande bônus de nossa casa era um espírito que tinha preocupações científicas, um apaixonado dos assuntos da geografia e da história.

O BRASIL E A GUERRA

O lido culminante do ano foi, em toda, as estórias, a declaração de luto de todos, fazendo por estado de coisas, que havia estado a existência das nações e dos povos. Let's America e a Itália. A Academia Brasileira, como toda a população e o governo da República, e eloquentemente levou ao nosso animado coração, o Sr. Getúlio Vargas, as expressões de respeito e preocupação de sua alta dignidade. O nosso Presidente, na minuciosa análise que acabou de fazer dos trabalhos da diretoria, deu conta dessa atitude da casa.

ALGUNS LIVROS DE ACADEMICOS

Foi um ano intenso, no que se viu a publicação de livros de acadêmicos, o ano de 1942. Tendo de levantar a relação dos volumes que os nossos confrades publicaram nesse período, eu peço desculpa por alguma involuntária omissão. Esses nossos retrospetivos são sempre feitos de acordo com o livro de atas de nossas sessões. E esse livro só chega os volumes que são oferecidos à biblioteca da casa.

Do padre Serafim Leite, recebeu a publicação o folheto "Expediente Intelectual para o Manifesto do Seculo XVII", síntese de um assunto vasto, que foi traduzido por mão de mestres.

De Afrânio Peixoto, recebeu novos trabalhos, dos quais os principais são os seguintes: "D. Portugal", "O Príncipe Perfeito", "Pepitinha". Volumes de varia ordem, nítido um espírito aguçadíssimo aborda a crítica, a história, a etimologia, sempre com igual fulgor.

De Aloyzio de Castro recebeu "Cristão" e "Discursos Literários", volumes em que se debruça uma alma religiosa e um suave espírito de artista.

Oswaldo Orde deu-nos uma coletânea de contos, "Mundo Almoedado", onde tentamos a encontrar suas qualidades de emoção e de ternura.

Vilfredo Correia deu-nos o "Tiradentes", peça de teatro em que temos realçado-se um apaixonado coração de patriota. Esse trabalho se vem juntar à "Marquesa de Santos", já publicada, e a uma nova peça sobre Maurício de Nassau, que Vilfredo Correia está compondo. É uma trilogia preciosa, e nela temos fulguraram três momentos históricos supremos da pátria brasileira: o alvorecer de nossa consciência de povo, com a insurreição epica dos pernambucanos contra o holandês; a afirmação dessa consciência, já em sua plenitude heroica, com o episódio da Inconfidência; ou, para sermos mais exatos, com a incomparável figura de Tiradentes; e, enfim, a vitoria definitiva do Brasil, com a mulher sedutora que prendeu o coração do príncipe boêmio, e pela qual ele tudo arrostou.

Alceu Amoroso Lima deu-nos um pequeno ensaio acerca da "Poesia Brasileira Contemporânea", e um vasto e excelente volume de meditação filosófica — a "Meditação sobre o Mundo Contemporâneo".

Macedo Soares deu-nos um livro dos mais curiosos sobre Santo Antônio. É esse um dos santos da devoção brasileira, e estou que a sua tarefa angélica, na corte divina, é principalmente a de resolver os negócios que lhe propõem os seus amigos desta parte do mundo. Até ao nosso século ele já pertence, se é que não pertence ainda hoje. A vida e os grandes milagres de Santo Antônio estuda

Macedo Soares, em páginas cheias de trágica piedade, nos quais não está livre, de vez em quando, um melancólico sorriso.

Claudio de Souza deu-nos o seu "Stefan Zweig", duplamente amado de quem foi verdadeiramente amigo do escritor austríaco, de quem o acompanhara em suas grandes sofrimentos de exílio, de quem pôde compreender alguma alma peregrina, que as decepções e os horrores do mundo de hoje aniquilaram.

Dun Aquino Correia deu-nos as suas "Pastorais", impregnadas de emoção mística.

Helio Loba, "O Domínio do Canadã", livro de exatas observações, onde encontramos, em cada página, um espírito perspicaz, apto a sintetizar.

Rodrigo Octavio deu-nos em tradução, o seu "Covoson alterto", livro de tanta poesia.

No que se refere a traduções, vimos, igualmente, várias delas.

Registamos, em primeiro lugar, a tradução de Humberto de Campos, desde a Casa Jackson. É uma publicação monumental, em 29 volumes, abrangendo a obra do poeta e do cronista, a do crítico, a do memorialista, a do ensaísta, que foi o nosso saudoso confrade. Como os livros e um volume das "Obras Completas" de Machado de Assis, esta 29 volumes das "Obras Completas" de Humberto de Campos ficaram simultaneamente valorizados, se os editores se tivessem lembrado de acrescentar-lhe um último livro: o que encerrasse o índice total e minucioso do trabalho para quem folheia estes livros ou se consulta ou mesmo os lê por pura distração este problema do índice geral tem pouca importância. Mas para um pobre diabo que, pela natureza do trabalho que se impôs a si, de mim, eu conheço muito bem um detalhe, tem cada dia que escrever, dentro das suas páginas mil páginas, uma referência a uma determinada figura, uma referência a um determinado fato — o problema do índice se torna de primeira importância. Deixa a observação aos desvelados editores, pois vede-se que eles a queiram tomar em consideração, numa edição futura de Machado de Assis, de Humberto de Campos, em de qualquer outro autor.

De Rodrigo Octavio registamos a tradução da "Balalaia", obra de um sábio movimento revolucionário.

De Afrânio Peixoto, a de sua "Visões Sentimental".

De Aldeias Maya, a do "Machado de Assis, ensaio sobre o humor", com prefácio de Cláudio de Souza. É, com certeza, um dos livros mais sábios que Machado de Assis jamais inspirou, e foi uma das bases sólidas em que na hora inicial se fixou a glória do escritor. Redibindo-o a Academia prestou homenagem ao primeiro presidente, mas, um homenagem de novidade expressão.

De Cassiano Ricardo, a segunda edição de "Márcia para Oeste". E este, um dos tantos livros em que um dos melhores livros que para a compreensão completa do Brasil ainda pensou e escreveu um autor brasileiro. Se um poeta, se o grande poeta que é Cassiano Ricardo, poderia ter escrito esta obra, onde há tanta razão, tanta mistério, tanto lirismo difundido em cada página, tanta vastidão, tanta impregnação de poesia. A obra objetiva, porém, a uma tria orientada, clara e segura de saber histórico e sociológico. Para escrever esta obra o autor de "Martim Cerret" pôs em ação todas as suas qualidades de poeta e de erudito. E quanto paisagem moral do homem brasileiro, desde a primeira formação de nossa terra, até aqui nos desvendou! Vejamos: são os gigantes de botas de sete léguas, os heróis incansáveis das matas e das vilgas das noites os vultos que ele nos mostra, constituindo as bandeiras nos altos de Piratininga, construindo o Brasil com o construímos as bandeiras, e atravessando florestas, e atravessando rios e transportando carvão, e lutando com o fogo e com o índio, e com epidemias e não vacilando nunca, já plenamente conscientes da imensa missão histórica que estão realizando, Cassiano Ricardo remodelou seu admirável livro numa segunda edição, comple-

tando-o, acrescentando-lhe capítulos novos, como, por exemplo aquele em que mostra a permanência do fênix bandeira no século XX, capítulo este que tanto nos auxilia na compreensão da situação atual do Brasil.

Rodolfo Oreira deu-nos a reedição da "História da República do Paraguai", do Conego João Pedro Gay, mandando fazer pelo Ministério da Educação. É esta, como se sabe, uma obra imprescindível a quem deseja familiarizar-se com um dos capítulos mais sugestivos e mais vibrantes da vida brasileira. E as notas que o nosso nobre companheiro e mestre ali pôs ora completando o Conego Gay, ora corrigindo-lhe alguma inexatidão, ora acrescentando algumas circunstâncias mais relevantes do assunto de que ele trata, muito fazem aumentar o valor do livro.

Registamos também a segunda edição do "Ensino Médico" de Clementino Fraga, as reedições dos livros de fisiologia médica de Antonio Austraço, o apêndice do "Dicionário Internacional Privado", de Rodrigo Octavio. São todos livros de natureza e orientação científica.

Por fim registemos as "Poesias" de Americo Eliso, na linda edição "fac-símil" que a Academia acaba de dar, e onde tornamos a encontrar a alma impetuosa e ardentíssima do Patriarca.

LIVROS SOBRE PATRONOS E ACADEMICOS

Vários foram igualmente, os livros que, aparecendo pela primeira vez agora, ou agora apenas reeditados, chegaram à Academia, tendo como assuntos patronos ou acadêmicos.

A propósito do maior dos nossos romancistas deu o sr. Hermínio Conde um estudo interessante — "A Tragédia Oculta de Machado de Assis". É o trabalho de um médico que se especializou na oftalmologia, e aprofundando suas pesquisas, tomou explicado alguns dos aspectos que parecem mais enigmáticos na sensibilidade do escritor.

Rio Branco serviu de assunto para dois livros: as "Reminiscências de Barão do Rio Branco" de embaixador Raul de Rio Branco, e o livro "Barão do Rio Branco", de Paula Cidade e Jonas Correia.

Carlos de Laet inspirou dois livros: Antonio Chediak, que é, como toda a Academia sabe, o nosso maior doutor em Laet. Retire-me a "Mobilidade do Lixo de Laet" e ao "Carlos de Laet, o Parlamentar". Este último livro é daqueles mais úteis para a biografia daquele grande espírito, que foi na tribuna jornalística, um lutador nunca vencido. Este primeiro volume encerra as polémicas com Júlio Verim (que o sr. Chediak não conseguiu identificar quem tenha sido), com Camilo Castelo Branco, com Castro Lobo, com Melo Arzobispo, Justiniano de Melo, Arzobispo, Lameira de Andrade, Rui Barbosa e João Ribeiro. A obra "Carlos Laet, o Parlamentar", vai pressuair, no seu segundo volume que já se aturace e no terceiro que está em elaboração) terenos a história das demais lutas do batalhador, Antonio Chediak tem em preparo ainda o seu "Carlos de Laet e Jornalista" e "A Linguagem e o Estilo de Carlos de Laet". É uma numerosa obra, que dá testemunho de um carinho muito sincero. Levemos ao autor a expressão de nosso agradecimento.

Tomaz Gonzaga e os seus ternos amores com a bela Maria Luísa inspiraram ao sr. Afonso Arinos de Melo Franco um drama em versos alexandrinos.

Outro patrono da casa, José Bonifácio, inspirou, outrora, um livro que agora apareceu em nova edição, com um prefácio do sr. Afrânio Peixoto. Retire-me ao "Estatuto da História de José Bonifácio", por Latino Coelho.

Ainda outro patrono, Gonçalves Dias, mereceu um estudo minucioso do sr. José Monteiro. Seu livro, que lina os diversos aspectos da figura do grande poeta, foi editado pela Academia, e pertence a série "Bibliografia" da Coleção Afrânio Peixoto.

Raimundo Correia mereceu um estudo de F. M. Bueno de Sequeira um dedicado estudo, que foi laureado pela Academia.

Interessando ainda diretamente a Academia, devemos lembrar a coleção dos "Lobos" contendo poemas escritos por Antônio de Queiroz, com prefácio de Manoel Bandeira e as "Obras Completas" de Gonçalves Crespo, com prefácio de Afrânio Peixoto.

Registamos, além disso, que a Academia determinou, no ano que está findando, que fosse feita a edição da "Quinta Série" das "Poesias" de Alberto de Oliveira, e bem assim que fossem editadas os "Enxertos" de Xavier Marques. O primeiro desses livros já se encontra no prelo, e foi organizado sob as vistas de Aloyzio de Castro.

O DICCIONARIO

Em 28 de maio, em carta ao nosso Presidente, Afrânio Peixoto declarava que o "Dicionário da Academia", que em 1940 ele se propunha realizar no prazo de dois anos, se achava quase pronto. Trata-se de uma obra em duas alíneas, volumes iguais, no formato e na dimensão, nos do "Dicionário da Academia Espanhola". Foi feita exclusivamente (como declara o próprio Afrânio Peixoto) pelo sr. Antenor Nascentes, esteticista de língua no Colégio Pedro II. Foram outras as tribulações, e já teríamos esse trabalho oferecido às emendas ou correções dos Acadêmicos. Mas sobreviu o caso do Vocabulário — mais urgente que o do Dicionário — e, em detrimento do segundo, o primeiro teve que trabalhar no primeiro. Esforçamos, neste segundo período da presidência Macedo Soares, que se vai iniciar, ver ultimado o trabalho do Vocabulário, e ver também muito avançado o trabalho do Dicionário.

O TUMULO DE CASTRO ALVES

Vários fatos ocorreram em 1942, lembrando-o a muitos mortos desta casa. Entre estes que não podem ser esquecidos um retrospetivo tomou o que está fazendo. Principalmente sempre fazer o registro do que ocorreu com referência ao tumulo de Castro Alves. É alguma coisa extraordinária, mas é a seguinte verdade: Castro Alves o grande poeta brasileiro, o poeta símbolo da nossa nacionalidade, aquele que mais grandemente expulso a grandesa e o impeto juvenil de nossa gente — Castro Alves não possui um tumulo! Quando morreu em 1871, foi sepultado — dizia-se que provavelmente — no tumulo de sua madrastra, no campo-santo baiano, Sete e um anos se foram — e aquilo que era provisorio, se tem eternizado! Castro Alves ganhou status lúctuos, houve sociedades com o seu nome em todas as cidades brasileiras. Livros e livros apareceram para interpretar uma obra, com a história de sua vida. Mas o seu tumulo continua a ser um tumulo de empréstimo. A "Ala" da Sala de Registros representa um movimento para que e Brasil se, enfim, na porta dos "Escravos" um tumulo monumental, digno de sua memória. Na Sala a companhia ficou a cargo da "Família". No Rio, foi liberado pelo "D. Casimiro" a Academia lhe presta uma homenagem completa.

O TUMULO DE VICENTE DE CARVALHO

Parce que o destino das nossas grandes figuras e não encontramos uma tão brilhante companhia no tumulo... A Castro Alves tivemos prêmios os preciosos restos, retirados de um sepulcro de empréstimo, para lhe dar um sepulcro definitivo. É, afinal, um ato de justiça. O que esteve a pique de acontecer a Vicente de Carvalho, porém, era uma crueldade. Quando o autor de "Fecundas e Capões" faleceu, foi sepultado segundo seu desejo expresso, no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, em sua cidade de Santos. Vicente não era, porém, irmão da Ordem. E, por esse motivo, em começo do ano passado, a Ordem Terceira do Carmo enviou um ofício ao presidente da cidade sr. Antonio Ribeiro dos Santos, solicitando fossem retiradas da sepultura em que se achavam os restos do autor de "Fecundas e Capões" e os restos de seu irmão. O prefeito não quis atender ao ofício, e pediu que a Ordem se desculpasse.

(Continua na página seguinte)

AS ESTRELAS HAO DE MORRER

Foi que a partida será assim, numa hora tardia.
Quando o irmão Vento virar no frio das estradas.
Mão leve me dirão adeus nas ruas mortas...
E o irmão Luar tombará sobre as feruz-pendidas
No distâncias do mundo.

E passará na noite a salutar sofrendo
A glória dos santos.
E passará na noite a me falar de coisas
E passará na noite a me contar de insetos!

Foi que a partida será assim, numa hora tardia.
Quando os tumulos adormecerem
Inesquecível silêncio de estradas mortas.
Frio silêncio de ignorados, negros
(conventos).

Foi de manso, por entre cruzes,
(como um rosa) que a
Noite abelha.
Como um rosa, que se perfumou no ar
(pedado, tão desfadado).
Como as estrelas, virgens que a treva
torna mais castas
(e mais secretas).

Foi cantando? Meus bons irmãos,
Foi cantando pelas ca-
minhos
Onde as sombras terão carinhos,
Tendo as aves adormecidas
Desprezando os cantares para que
Foi sigam mais consolado
Para que eu leve dentro do peito a
Imagem de seus cantares?

Foi cantando? Cruzes da noite,
Fruzes da morte, treva do
luto e do desvair,
Reais de criança, rosas de sonho,
Lábios da Amada

Foi cantando na melé fiza para as
Estradas onde o silêncio
Abre os seus olhos apavorados.

Foi cantando, desfilou em rosas,
[peço] cantinho desfeito em
rosas?

Irmãos, irmãos, foi cantando?

Ah! Como tremem as minhas mãos,
Trosses pendidas dentro da
sua porta!
Luz, consola-me!
Quero em teus olhos debêr alento
[para] a jornada pela distância
Onde meu corpo se perderá por en-
tre o pranto das noites
mortas.
Mas, ah! eu quero partir cantan-

A NOITE CER

(Continuação da pág. 23)

sobre Bordado Pinheiro. Apesar de conhecer as onze linhas es-... as sobe e a organização da "Sociedade Protetora dos Animais"...

"Acho, corporalmente, despenhado bastos cabeos encarcacidos, rosto czerianamente birbo, algumas vezes, buirca embocada por uns blocos cheios e retorcidos, boca rasgada, labios...

Para documentar a sua opinião, aponta-se Penvalva nos se-... fiantes ver o dirigidos pelo filho do tribuno, o Zeca, a memoria...

"Lá, meu velho Pin, oh! meu amigo, foi-se... a tua. Quando assim o meu fado arru-nou-me...

Fra razão no caso o autor d' "O Aleijadinho de Vila Rica" ?... scriu a cronica sobre Cordalio p. pagina que Patrocínio o crevia...

(PATROCINIO)

(1) - Foi a interrogação com que, num dos nossos diários, Carlos Ru-... bria, que lá tem dedicado a memoria do Tereza da Abolição algumas pa-...

veniu-nos da possibilidade de existência de bibliografias de... quanto gran, ou seja, a bibliografia das bibliografias das bibliografias...

Uma carta do professor MARIA ISABEL - VINICIUS DE STROWSKI a Mucio Leão MORANS

Do eminente professor Fortunat Strowski recebeu o diretor de Autores e Livros a seguinte carta, que pedimos vênia para publicar:

"Mon cher confrère, Je lis chaque semaine, avec un intérêt croissant, vos suppléments littéraires. Ils font mon régal... et ils m'apprennent beaucoup de choses qu'à trente ans on trouve de luxe et qu'à mon âge on trouve essentielles."

"Mala ce n'est pas pour vous dire cela que je prends la liberté de vous écrire. Je vous salue et que le portrait de Tristão da Cunha par Jeanita Blanc rap-... pèle d'une façon vraiment pathétique le profil de Maurice Barrès..."

"Et Barrès voulait ressembler à Pascal. Margrê lui, par un phénomène de mimétisme, ses traits se pascalisaient. Aussitôt, au-dela de Barrès, je retrouve je ne sais quel de Pascal en Tristão da Cunha."

Quelle merveilleuse filiation, mon cher confrère! — et que le Brésil vive et soit glorieux — lui — son Académie — son journal A MANHA — et vous."

Votre très cordialement. (s) Fortunat Strowski — 14 — Déc. — 1942.

Barrès, naturellement, avait, comme Laforgue — qui était bien tel que le décrit Tristão da Cunha."

NOTA AO ÚLTIMO SUPLEMENTO

O trabalho que saiu sem assinatura de autor na página 3 do número anterior de Autores e Livros, trabalho que tem como título Carlos de Laet, e que no sumário do número foi dado como sendo nota da redação, é da autoria de Laudelino Freire. Trata-se do trecho de um estudo sobre o grande escritor a quem conhecíamos aquele fascículo, estudo que se encontra em um dos volumes de Notícias e perfis.

— Cumprimo registrar, igualmente, que, por inadvertência, saiu sem o nome do autor a admirável conferência sobre a Imprensa, uma das mais notáveis páginas de Laet.

Faz tempo, puz, sem pensar muito, a seguinte dedicatória num livro que dei à jovem es-... treante de "Dardo de Vidro": "Para Maria Isabel; Isabel na terra, Maria no céu".

Deixava, sem saber, neste poeminha de acaso, um bom apanhado sobre a sua poesia. Conheci Maria Isabel há uns dois anos, em casa de Raquel de Queiroz. Sua pequena figura, fina e aguda possui, de primeiro, qualquer coisa maleável e obliqua. Fisicamente, seu bicho é a raposa. No entanto, não há ninguém que tenha menos as qualidades negativas que fixaram da mãeira personagem de La Fontaine a rainha da fábula. Maria Isabel é uma menina triste, cheia de recalques e anelos, com um grande coração atento às solicitações do mundo.

Tudo nela é coração. Ao ler seus poemas no original, fiquei com pena e inveja dela. Trata-se de uma alma privilegiada para a dor, uma alma que não se sabe em que inferno ou paraíso irá parar. Não sei, o sofrimento vive na mulher me impressiona mais que no homem. Maria Isabel não tem a menor ansia de se dissolver nas coisas, nem nenhum sentimento cósmico em relação à vida e às criaturas. Sua fragilidade vem disso que um enorme coração bate-lhe aritmico dentro de um pequeno invólucro de plumas. Ama desesperadamente o mundo dos homens e das coisas, mas seu amor é maior que ela, fá-la voar.

Maria Isabel é um ser de ternura que não cabe em nenhum ideal de perfeição. Sua vida e poesia, sinto, hão de crescer muito ainda na lenta depuração desse martírio de amar irremediavelmente. Há criaturas cujo destino é amar, outras, ser amadas. Maria Isabel pertence a mais rica e mais desgraçada das duas categorias. Essas, mesmo quando se sentem objeto de cuidado, acabam sempre por amar "au dela de l'amour même".

"Inutilmente enosco minha face a tua face tranqüilla. O grande ego, o grande surdo. Inutilmente te amo".

Se eu fosse Deus, eu despojava Maria Isabel imediatamente de todas as aparências da poesia. Dava-lhe um mundo como um jardim, simples e sem sofrimento. No fundo, ela não as-

pira a nenhuma gloria literaria, nenhum sucesso facil, nada a que uma mulher que é um bom poeta pode aspirar. Sua lamentação é triste como a da avizinha malforde:

"— Me: humilde misterio. — Minha angú tu sem nome".

São assim as grandes mulheres. Qualquer coisa organica resiste nelas ao gosto do brilho e da exteriorização. Sentimento excessivamente grave e belo é esse intimo pudor das mulheres, que cria em suas almas o poder paciente do devotamento e o hábito da sombra. Maria Isabel não pode saber o que há nela de profundo, de maior que a arte.

Uma poesia a habita, espécie de centro de gravidade em sua jovem forma sollicitada pelas forças opostas do céu e da terra. Seu livro de estréia que traz esse curioso titulo de "Dardo de Vidro" (Minha voz, dardo de vidro, em mil pedaços quebrou), é uma boa escolha de poemas onde há às vezes excelências de técnica. Maria Isabel colora-se, de saída, entre os poetas mais promissores da nova geração, essa que já conta com um Alfonso de Guimarães Filho, um José Cesar Borba, um Odeório Lavares e uma Julietta Bárbara. "Dardo de Vidro" é um livrinho feito por fora mas singularmente emocionante em seu conteúdo, com uma terrível carga de ternura. A humildade dessa poesia é um bom exemplo para todos os poetas maiores dessa terra de poetas maiores. Meu voto é que Maria Isabel a conserve sempre assim:

"Eram fragéis meus limites Mas o amor morou em mim. Sua absurda presença Foi comigo até o fim. Eu fui a que chegou perto Foi a que toda se deu. Jamais se viu pela vida Abandonou igual ao meu. O' terra dos meus martírios, Mundo da minha paixão, Os teus momentos de estrela Brilharam na minha mão".

As vezes a dor a esquece. E uma quadrinha brota como uma canção:

"Minha mãe está cosendo Minha mãe está cantando A tarde doura a jan'ca Onde o jodo do mundo?"

Bravo, Maria Isabelzinha!

A crítica literária de "A Manhã"

Temos a registrar um fato que nos encheu da maior alegria: a estreia de Roberto Alvim Cordeiro na critica literaria de A MANHA.

Do seu critério de estetica transcrevemos aqui os conceitos iniciais, os quais valem como uma sintese do ponto de vista em que diante dos grandes problemas do mundo de hoje se coloca o critico literario de A MANHA:

Considerar-se-la satisfeito o autor destas linhas se pudesse contribuir, na fraca medida das suas forças para colocar os problemas de literatura no plano que lhes parece convir, dando-lhes, através de obras estudadas, toda a atenção que merecem. Não seria pouco. E isso equivale a dizer que sempre será apenas um desejo só muito parcialmente realizado, mas que assim mesmo leva o autor a sentir-se mais do que nunca solidário com aqueles que escrevem em defesa de uma noção sempre aprofundada do homem e a qual só poucos veremos refletir-se nas diferentes manifestações da vida literária do país e da época. Pouco vale a critica se não procura na literatura um espirito de vida. Tentar descobri-lo, leal e escrupulosamente nas obras submetidas à nossa apreciação, será nossa tarefa. Assim como, na medida do possi-

vel, afastar certos mal-entendidos entre o público, nem sempre bem informado, é o que temos o direito de esperar da literatura. A época favorece certas confusões. A guerra não permite mais a todos perceber as coisas como são. Muitos vão estabelecendo uma relação (uma relação que existe e não pode deixar de existir, mas não como eles pensam) entre a literatura e a guerra, e mais ou menos explicitamente pedem que a literatura em tempo de guerra seja uma literatura. Há pessoas que censuram o fato de que se possam escrever, em tempos como os nossos, poemas de amor, romances, ensaios, peças de teatro que não se refiram à guerra; mas essas pessoas tem na verdade uma concepção muito limitada da literatura e do nacionalismo em tempo de guerra, particularmente quando este sabe os direitos que está defendendo e afastam-se elas por demais das reivindicações que não sabem identificar, de ordem artistica e intelectual, requeridas pela criação literaria. Esta é toda pessoal, nem sempre deliberada, tendo nela o subconsciente uma parte pelo menos, igual a

da vontade, e pode escapar à atualidade em beneficio do homem de sempre. E' o que importa. Uma nação dispõe de varios meios para se afirmar, mesmo em tempo de provação e de perigo, como o nosso. E entre os meios de que dispõe, nenhum mais que a literatura, e a cultura em geral, lhe revela o génio peculiar. Não se concebe uma nação sem patrimônio cultural, artistico e literario, sendo naturalmente verdadeira a reciproca: o fato cultural é estreitamente dependente de uma entidade étnica que o explica, torna possível e real.

Entre ele e a nação — particularmente a nação ameaçada existe um vinculo vital da mesma natureza que o que liga a flor à planta e à terra. Não quer isto dizer de modo nenhum, que a planta não possa ser transplantada, nem que não possa haver enxerto. E até vemos, em outra manjeira, que seria de desejar que assim fosse. Uma nação, a tudo que ela expressa, deve ser como um rio, bastente forte para transformar no próprio rio, isto é, no que caracteriza a nação, os elementos estranhos ou novos que vem recebendo".

SINOS DE MARIANA - Alphonse de Guimaraens Filho

(A memoria de meu Pai)



DESENHO DE OSWALDO GOELDI

SÃO OS SINOS... TARDES ROLAM NA DOR QUE VEM DOS SINOS, GRITOS
 NASCEM DO VENTO FRIO, E HÁ CORAÇÕES NA BRUMA...
 TARDES DE INVERNO, O' TARDES, A LOUCURA
 DO VENTO ME TRANSPORTA A TREVA DOS DESERTOS
 E ESTOU SO E ESTOU SO, FERIDO POR SOLUCOS...
 TARDES DE INVERNO, A DOR TEM CANTOCHÕES, LAMENTOS
 E HÁ REZAS QUE ME ARRASTAM AOS TEMPLOS DA SAUDADE,
 HÁ SURDINAS QUE EMBALAM AS ALMAS DOS ENFERMOS...

RUAS DE MARIANA, TANTA VEZ JÁ ME DISSE A SOLUÇAR DE BRUÇOS:
 ANDO TRISTE DEMAIS NA NOITE DA SAUDADE!
 RUAS DE MARIANA, VELHAS CASAS QUE TRAZEM A SOMBRA MAIS AMADA,
 VENTOS QUE ME AGITAIS NA FEBRE DAS AURORAS,
 ANDO TRISTE DEMAIS NA NOITE DA SAUDADE!

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDES,
 SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDES,
 ARRASTAI-ME A DISTÂNCIA, APRISIONAI-ME EM MARES,
 LEVAI-ME PARA OS CÉUS MAIS PUROS E INOCENTES,
 FREMI, CANTAÍ AO VENTO, O' SINOS DA ALELUIA,
 SINOS QUE DESPERTAIS A INFÂNCIA E A MADRUGADA
 AO QUE PERDIDO ESTÁ NA NOITE DA SAUDADE!

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDES,
 A NOITE VAI BEIJAR MEU CORPO PELAS NAVES,
 SINOS DE MARIANA, AQUI ESTOU E A NOITE
 SUFOCARÁ EM MIM AS LIMPIDAS LEMBRANÇAS
 E ME PARA SONHAR COM PROCISSÕES DE OUTRORA,
 HOMENS DE PRETO ALEM, POR ENTRE A LUZ DAS VELAS...
 EU SINTO, NESTE INSTANTE, QUE HÁ MOÇAS A CANTAR E A RIR PELAS
 (LADEIRAS...)

NÃO É TÃO TRISTE ASSIM, O' MARIANA — EU SINTO!
 TALVEZ NASÇA DE MIM A DOR QUE EMBALA AS RUAS,
 TALVEZ NASÇA DE MIM ESTA SAUDADE ESPESSE,
 LOUCA NA CERRAÇÃO GRITANDO PELOS MORTOS...

SINOS, FERI OS CÉUS, CANTAÍ NAS MADRUGADAS,
 PALPITAÍ NOS ROSAIS, ENLOUQUECEÍ OS VENTOS!
 POR QUEM CHORAIS SE EM TUDO HÁ DOCE PAZ, SE TOMBA
 A LUZ ESMACIDA E FALIDA DA TARDE
 SOBRE OS CORPOS QUE O AMOR AFAGA NOS CAMINHOS?

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDES,
 LEVAI DE MIM, POR DEUS, A SOMBRA DA AGONIA
 QUERO ME VER, DE NOVO, ALEGRE E PEQUENINO,
 E QUERO ME PERDER DE NOVO NAS LADEIRAS,
 ESQUECIDO DE MIM, BEIJADO PELOS ANJOS...

SINOS DE MARIANA, O' NUNCA MAIS, BONS SINOS,
 ACORDEIS NO MEU SONHO UM GRITO: POBRE ALPHONSUS!
 NUNCA MAIS, NUNCA MAIS, EM FEBRE SOLUÇANDO,
 ACORDEIS NO MEU SONHO UM GRITO: POBRE ALPHONSUS!

(QUEM SABERA' MEU PAI, SE OS SINOS QUE CLAMARAM
 POR TI, EM ESCUROS DIAS, QUANDO ARDIA EM TEU CORPO A CHAMA DA
 (SAUDADE)

E HAVIA NA TUA ALMA OFÍCIOS, MISERERES,
 QUEM SABERA' DIZER SE CLAMAM POR TEU FILHO?)

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDES,
 FREMI, CANTAÍ AO VENTO, O' SINOS DA ALELUIA,
 SINOS QUE DESPERTAIS A INFÂNCIA E A MADRUGADA
 AO QUE PERDIDO ESTÁ NA NOITE DA SAUDADE!
 (Mariana, 12-4-41 — "Aleluia")